

A interculturalidade: o papel do professor e as estratégias a aplicar nas aulas de Português e de Inglês

Relatório de Estágio

Carolina Marques Mendes

Mestrado em

**Ensino de Português e de Inglês no
2.º Ciclo do Ensino Básico**



Ponta Delgada
2025

A interculturalidade: o papel do professor e as estratégias a aplicar nas aulas de Português e de Inglês

Relatório de Estágio

Orientadoras

Prof.^a Doutora Ana Cristina Correia Gil

e

Prof.^a Doutora Maria Isabel Cabrita Condessa

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Português e de Inglês do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Agradecimentos

Este relatório é o culminar de uma longa caminhada, repleta de grandes desafios pessoais e profissionais. A verdade é que esta realização só foi possível de ser concretizada pelo facto de ter ao meu redor pessoas magnificas que sempre me incentivaram a procurar evoluir e a dar sempre o melhor de mim.

O meu primeiro agradecimento vai sem sombra de dúvidas para os meus pais, que nunca desistiram de mim, mesmo quando eu estive quase a desistir. Agradeço por todo o apoio que me deram e por todos os esforços que fizeram para verem a sua filha concretizar o seu sonho. Agradeço por toda a força e motivação que me deram, mesmo nos momentos que estávamos longe, e hoje vão poder dizer-me “Já viste como conseguiste.”.

Ao meu irmão, pelo apoio que me deu, e que agora está a iniciar o seu percurso também no ensino, espero ser uma inspiração para ele.

À minha família, por todas as palavras de força e coragem ao longo deste percurso.

Aos meus amigos, que me acompanharam na concretização deste sonho.

Às minhas orientadoras, a Prof.^a Ana Cristina Gil e a Prof.^a M.^a Isabel Condessa, pela paciência, pelo tempo que dispensaram e por todas as sugestões dadas a fim de melhorar o meu trabalho.

Aos professores cooperantes, Manuel Costa e Carla Inês Magalhães, foi um enorme gosto de poder estar ao vosso lado ao longo do letivo e de ter tido a oportunidade de aprender, crescer enquanto profissional, e poder partilhar bons momentos.

À minha colega de estágio, foi uma ajuda imprescindível para a realização desta etapa, um agradecimento especial para ela, por todas as vezes que me ajudou, apoiou e incentivou quando mais precisei. Sem dúvida que não poderia ter uma melhor colega para realizar este percurso.

À professora Lucília Gonçalves, pelo seu tempo despendido, um muito obrigada por todas as chamadas de atenção que levaram ao meu crescimento profissional e pessoal.

Aos meus alunos, com quem tive o gosto de poder partilhar esta aventura.

E por fim, ao avô António, infelizmente, não pôde ver a sua neta tornar-se professora, mas sei que ficaria imensamente orgulhoso pelo que consegui concretizar.

Resumo

O documento surge no âmbito do Mestrado em Ensino de Português e de Inglês no 2.º Ciclo do Ensino Básico, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores. Neste documento é feita uma apresentação, análise e reflexão das práticas educativas desenvolvidas ao longo dos Estágios I e II, realizados em Inglês e Português, respetivamente. A interculturalidade foi abordada, sempre que possível, ao longo dos Estágios. Além disso, procurou-se perceber, junto dos professores da área, o papel que lhes é atribuído enquanto promotores de interculturalidade, as estratégias mais utilizadas em contexto de escola/ sala de aula e a importância de os alunos aprenderem sobre outras culturas no ensino de uma língua.

Para o nosso estudo, foram elaborados dois questionários sobre interculturalidade, um direcionado aos alunos e outro aos professores. Numa primeira fase, os questionários foram implementados aos alunos (n=59) com o propósito de apurar a sua perceção sobre o significado de interculturalidade e compreender se apelam à interculturalidade em contexto escolar e/ou na comunidade onde estão inseridos. Numa segunda fase, foi aplicado um questionário aos professores das escolas de Angra do Heroísmo (n=23) com o intuito de perceber a relevância que os mesmos dão à interculturalidade e a forma como eles gerem o diálogo entre as diversidades nas suas aulas.

Através dos resultados obtidos, é evidente a relevância atribuída à interculturalidade, uma vez que tanto alunos como professores destacaram a importância da cultura no contexto do ensino das línguas. Além disso, foi consensual que o professor confere um papel crucial enquanto promotor de interculturalidade.

Enquanto professora-estagiária, o estágio proporcionou-me a possibilidade de vivenciar diretamente a realidade da docência, possibilitando o desenvolvimento de competências tanto profissionais como pessoais.

Palavras-chave: aprendizagens essenciais, cidadania, cultura, desenvolvimento pessoal, ensino das línguas, interculturalidade, professor, promotor

Abstract

This document is part of the the Masters course in Teaching Portuguese and English in the 2nd Cycle of Elementary Education at the Faculty of Social Sciences and Humanities, University of the Azores.

It presents, analyzes, and reflects on the educational practices developed throughout Internships I and II, carried out in English and Portuguese, respectively. Interculturality was addressed whenever possible during both internships. In addition, efforts were made to understand, in collaboration with subject teachers, the role attributed to interculturality as a tool for promoting cultural awareness, the most commonly used strategies in school/classroom contexts, and the importance of students learning about other cultures within the scope of language teaching.

For this study, two questionnaires on interculturality were developed — one directed at students and the other at teachers. During the first phase, the questionnaires were administered to students (n=59) to assess their understanding of the concept of interculturality and to determine whether they engage with it in the school context and/or within their communities. In the second phase, a questionnaire was applied to teacher (n=23) from schools in Angra do Heroísmo to understand the importance they assign to interculturality and how they manage dialogue between cultural diversities in their classrooms.

The results clearly highlight the significance attributed to interculturality, as both students and teachers emphasized the importance of culture in the context of language education. Moreover, there was a consensus that the teacher plays a crucial role as a promoter of interculturality.

As a student-teacher, the internship provided me the opportunity to experience the realities of teaching firsthand and the development of both professional and personal skills.

Keywords: core learning outcomes, citizenship, culture, personal development, language teaching, interculturality, teacher, promoter

Índice Geral

Agradecimentos	4
Resumo	6
Abstract.....	7
Introdução.....	12
Capítulo I	14
A formação de professores na atualidade	14
1.1 O papel das Instituições de Ensino Superior na formação de professores.....	16
1.2 O desenvolvimento pessoal e profissional do futuro professor	18
1.3 A importância do estágio na formação inicial do professor de Português/ Inglês.....	20
1.4 Aprender a Ensinar – o papel da observação, planificação, avaliação e reflexão no contexto de estágio.....	21
1.5 Ser professor de Português e Inglês de crianças e jovens em pleno século XXI.....	23
1.6 Aprender a Comunicar numa Sociedade de Informação	24
1.7. Aprender sobre Cultura(s) numa Sociedade Global.....	25
Capítulo II.....	27
A interculturalidade: o papel do professor e estratégias a aplicar nas aulas de Português e de Inglês.....	27
2.1. A evolução do conceito de cultura - multiculturalismo e interculturalidade.....	28
2.2. O papel do professor de Línguas na educação para a interculturalidade.....	32
2.3. Interculturalidade nos programas curriculares de Português e de Inglês.....	33
Capítulo III	35
O Estágio em Ensino das Línguas I e II	35
3.1. Caracterização dos contextos de Estágio Pedagógico	37
3.1.2 Caraterização do meio envolvente	37
3.1.2 Caracterização da escola	37
3.1.3 Caracterização da turma	39
3.2. Práticas de Ensino Supervisionado em Estágio em Ensino das Línguas I e II	40
3.2.1 As práticas pedagógicas no Estágio do Ensino das Línguas I - Inglês.....	41
3.2.1.1 Estratégias e recursos.....	41
3.2.1.2. Calendarização das Atividades do Ensino do Inglês.....	44
3.2.1.3 Análise e reflexão de uma Aula – selecionada de uma Sequência Didática	45
3.2.2. As práticas pedagógicas no Ensino das Línguas II- Português.....	48
3.2.2.1. Estratégias e recursos.....	49
3.2.2.3. Análise e reflexão de uma sequência didática.....	51
3.2.4. Atividades Pedagógicas desenvolvidas na Escola ao longo do Ano	54
3.5. Reflexão final do estágio	58
Capítulo IV	60

O nosso estudo	60
Introdução.....	61
4.1 A Problemática e os Objetivos do Estudo	61
4.2 Os Instrumentos de Pesquisa – Elaboração, aplicação e análise.....	62
4.3 A nossa amostra – Professores e Alunos	64
4.4 Apresentação e Análise dos Resultados.....	65
4.4.1. Perspetiva e Práticas dos Professores.....	66
4.4.2. Perspetiva dos alunos	81
Estratégias inovadoras mencionadas pelos nossos professores inquiridos	92
4.5. Conclusão e Discussão.....	93
Considerações finais.....	96
Referências Bibliográficas	98
ANEXOS	102

Índice de Figuras

Figura 1- Conceitos de cultura, multiculturalismo interculturalidade.....	30
Figura 2- Ficha de vocabulário relacionado com a casa.....	42
Figura 3- Ficha de apresentação.....	42
Figura 4- Imagem do filme <i>Home</i>	45
Figura 5- Caligrama elaborado por um aluno.....	49
Figura 6- Poema elaborado pelos alunos.....	49
Figura 7- Momento da atividade.....	50
Figura 8- Cartazes elaborados pelos alunos.....	54
Figura 9- Capa do vídeo e uma aluna a partilhar a sua frase.....	55
Figura 10- Visita de Estudo Virtual.....	56

Índice de Quadros

Quadro 1 - Temas a desenvolver ao longo do ano letivo em inglês no 5.º ano.....	43
Quadro 2- Plano de aula de inglês.....	44
Quadro 3 - Temas a desenvolver ao longo do ano letivo em português no 5.º ano.....	47
Quadro 4- Plano de aula de português.....	51

Índice de Tabelas

Tabela 1- Atividades desenvolvidas pelo professora-estagiária.....	53
Tabela 2- Importância da interculturalidade no ensino das línguas.....	66
Tabela 3 – Perspetiva dos Professores do modo de contribuição do ensino de língua ..	71
Tabela 4 – Perspetivas sobre o papel do professor.....	77

Tabela 5- Justificações apresentadas pelos alunos.....	82
Tabela 6 –Existência de convívio com pessoas/colegas de outras origens e local.....	85
Tabela 7- Atividades culturais dinamizadas na escola.....	87
Tabela 8- Explicações dadas pelos alunos sobre o significado de interculturalidade...	88

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Importância da interculturalidade na sala de aula.....	65
Gráfico 2- Formação específica sobre interculturalidade.....	69
Gráfico 3- Consulta das Aprendizagens Essenciais.....	70
Gráfico 4- Estratégias mais utilizadas.....	74
Gráfico 5- Importância de atividades colaborativas.....	75
Gráfico 6- Utilização de metodologias ativas como promoção da interculturalidade...	76
Gráfico 7- Papel do professor.....	77
Gráfico 8- Escola enquanto espaço multicultural.....	81
Gráfico 9- Importância de aprender sobre outras culturas.....	81
Gráfico 10- A escola como espaço de interação.....	86
Gráfico 11- Conhecer o termo interculturalidade.....	87

Introdução

O presente Relatório de Estágio surge no âmbito do Mestrado em Ensino de Português e de Inglês do 2.º Ciclo do Ensino Básico da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores e constitui um requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre.

Neste documento é feita uma apresentação, análise e reflexão de processos educativos desenvolvidos ao longo dos Estágios Pedagógicos I e II, realizados em Inglês e Português, respetivamente. Estes estágios proporcionaram um espaço de construção ativa, ou seja, foi criado um ambiente onde foi permitido à professora-estagiária aliar a teoria com a prática. A imersão no contexto escolar permitiu vivenciar alguns desafios da profissão, desde a preparação de aulas, a sua execução até à avaliação, a gestão de uma sala de aula e à promoção de um ambiente inclusivo e empático para com os outros. Além disso, a possibilidade de observação da prática letiva de outros docentes e a capacidade de refletir sobre a prática pedagógica revelaram ser fulcrais para a consolidação e desenvolvimento profissional e pessoal, procurando sempre melhorar.

A seleção desta temática passou pelo facto de cada vez mais nos depararmos com uma realidade multicultural, onde a escola é uma das principais vias e locais de encontro de diversas culturas. Sendo assim, sentiu-se a necessidade de perceber que estratégias são utilizadas pelos professores atualmente e se estas serão eficazes. Posto isto, delinearam-se os objetivos da investigação:

- Analisar como os alunos entendem a interculturalidade;
- Compreender se os alunos recorrem à interculturalidade em contexto escolar e/ou na comunidade em que se inserem;
- Compreender que estratégias e dinâmicas no âmbito da interculturalidade são aplicadas pelos professores de Português e Inglês em contexto de sala de aula.

Neste sentido, dividimos o relatório em quatro capítulos, sendo o primeiro capítulo dedicado à importância da formação de professores na atualidade, em que procuramos ressaltar a importância da formação para a carreira docente. Realçamos a

importância das instituições de ensino superior na formação inicial e ainda como o desenvolvimento profissional e pessoal do docente é um processo contínuo. Ainda no primeiro capítulo, determinamos o impacto que os Estágios Pedagógicos têm e como contribuem para a formação inicial do professor, especialmente a importância da observação, planificação, avaliação e reflexão. Para terminar o capítulo, abordamos como é ser professor no século XXI, nomeadamente para as crianças da atualidade e ainda como é aprender a comunicar numa sociedade de informação e aprender sobre culturas numa sociedade global.

No segundo capítulo, são abordados os conceitos de cultura, multiculturalismo e interculturalidade, dando mais destaque a este último. De seguida é destacado o papel do professor de línguas na educação para a interculturalidade. Por fim, a presença da interculturalidade nos programas curriculares de Português e de Inglês.

Quanto ao terceiro capítulo, neste é realizada uma contextualização do nosso estágio, caracterizando o meio envolvente, a escola do estágio e a turma. Posteriormente, é feita uma análise das práticas realizadas ao longo dos estágios, atividades desenvolvidas, terminando com uma reflexão final sobre as mesmas.

Quanto ao quarto e último capítulo, inicialmente é dedicado à nossa investigação sobre o papel do professor de português e de inglês na promoção da interculturalidade e à importância da cultura no ensino das línguas. De seguida, são apresentados os métodos e procedimentos utilizados no estudo, a nossa amostra, os objetivos da pesquisa, a apresentação dos dados e, por fim, faz-se a conclusão e discussão dos mesmos.

Por último, apresentamos as considerações finais, as referências bibliográficas utilizadas ao longo do desenvolvimento deste relatório e os anexos, onde constam os modelos dos questionários aplicados aos alunos e professores.

Capítulo I

A formação de professores na atualidade

A formação enquanto profissional de educação é fundamental para garantir uma educação com qualidade para os alunos. O conhecimento adquirido aquando da formação inicial nas Instituições de Ensino Superior (IES) fornece as ferramentas necessárias e eficazes para ensinar, além de ser um momento crucial para aprender estratégias e métodos que serão fundamentais ao longo da nossa carreira. De acordo com a legislação em vigor em Portugal, obter o título de habilitação profissional para a docência constitui condição indispensável para o desempenho da atividade docente nos estabelecimentos de ensino.

É importante investir na formação, não só inicial, como contínua, pois estas irão contribuir para a construção da motivação do professor e da sua autoconfiança, que posteriormente é refletida na qualidade das aulas e do ensino oferecido nas escolas, garantindo que as necessidades dos alunos, crianças e jovens da atualidade estão a ser consideradas.

Nas últimas décadas, diversos países realizaram mudanças para melhorar a formação inicial de professores e essas mudanças, como menciona Segato (2019) quando responderam

a inúmeros desafios semelhantes referentes à pouca conexão entre os conteúdos específicos e pedagógicos, à falta de articulação entre teoria e prática, à fragmentação dos diversos conhecimentos específicos como resultado do modelo departamental adotado nas universidades e à pouca centralidade da prática, restrita, em muitos casos, a estágios de curta duração nas escolas no final da formação, sem mecanismos de supervisão, mentoria e o papel da prática na formação inicial de professor. (p.9)

Posto isto, é necessário criar cada vez mais meios de integrar a teoria e a prática, visto que existem muitos desafios que não são resolvidos devido a essa falta de articulação. Quanto maior e mais cedo existir o contacto entre professor e escola, melhor será o desempenho enquanto profissional.

1.1 O papel das Instituições de Ensino Superior na formação de professores

As Instituições de Ensino Superior (IES) desempenham um papel fundamental na formação académica e profissional dos docentes. Segundo Nóvoa (1991), "as instituições de formação ocupam um lugar central na produção e reprodução do corpo de saberes e do sistema de normas da profissão docente, desempenhando um papel crucial na elaboração dos conhecimentos pedagógicos e de uma ideologia comum" (p. 18).

Ou seja, o autor enfatiza a importância destas instituições na medida em que são uma peça importante para a criação dos conhecimentos/saberes e competências basilares que constituem a base da profissão. Ainda no pensamento de Nóvoa, esta formação leva à promoção de valores comuns que irão ser um guia para a prática pedagógica. Estes valores são promotores de um espírito de colaboração entre professores e estão também a garantir uma melhor preparação para os desafios que os futuros professores irão encontrar, principalmente no início da carreira docente.

A formação inicial providenciada pelas IES ultrapassa a componente teórica. Segundo Estrela (2001), há que destacar a importância de "uma formação que seja articulada entre a teoria e prática, [sendo que] a formação de professores deve preparar os futuros docentes para enfrentar as novas exigências e desafios da profissão, através de uma formação que articule teoria e prática" (p.21). Portanto, é necessário que o professor, em formação inicial, tenha oportunidade de não só aprender as teorias, mas de conseguir aplicá-las, pois é nesta altura da vida que surge a oportunidade de ser um agente de mudança.

Apesar de a formação inicial ser fundamental, verificamos que alguns autores, para além de seguirem esta linha de pensamento, também afirmam que é necessário um conjunto de fatores para complementar esta formação. Relevamos novamente a perspetiva de Nóvoa (1991) que diz que

a formação de professores é, provavelmente, a área mais sensível das mudanças em curso no sector educativo: aqui não se formam apenas profissionais; aqui produz-se uma profissão. Ao longo da sua história, a formação de professores tem oscilado entre modelos académicos, centrados nas instituições e em conhecimentos "fundamentais", e modelos práticos, centrados nas escolas e em métodos «aplicados» (p. 24).

Posto isto, é possível perceber que desde há muito a formação inicial tem sofrido algumas evoluções. Passámos de um modelo académico mais tradicional, mais focado nos conhecimentos teóricos, enquanto alicerces para a prática para um modelo em que se enfatiza uma aplicação dos conhecimentos em ambiente do quotidiano, fazendo com que sejam adquiridos mais diretamente nas práticas em sala de aula.

Em 1997, Alarcão e outros investigadores redigiram um documento de trabalho para os reitores das universidades, intitulado “A formação inicial de professores no Portugal de hoje”. Apesar de ser um artigo antigo, continua bastante atual, pois é possível constatar algumas questões que são pertinentes e prevalecem até aos dias de hoje. Neste documento, os autores defendem que, as construções das competências do professor não ocorrem apenas com a justaposição de diferentes conhecimentos, mas que devemos ter uma integração entre o saber académico, o saber prático e o saber transversal (Alarcão et al., 1997), portanto é necessário aliar a teoria e prática, com outros conhecimentos, tais como, conseguirmo-nos adaptar às realidades que iremos enfrentar ao longo da nossa carreira.

Considerando a duração da formação inicial, estes autores afirmam que a extensão desta não deve ser prolongada, pois não é sinónimo de uma formação com maior preparação, defendendo que “a formação inicial demasiado longa não se traduz necessariamente num profissional mais competente para iniciar a sua actividade.” (Alarcão et al., 1996, p.10).

Assim sendo, uma formação inicial deve ser complementada através de diversos aspetos, devendo ser uma formação: a) que interligue a teoria e a prática; b) que possibilite responder às necessidades de qualquer profissional de educação; c) que seja uma extensão natural, não excedendo o tempo necessário, mas que não seja demasiado curta, e impossibilite uma preparação conveniente.

Shulman (1987), referenciado por Segato (2019, p.10), considerava importante oferecer aos professores uma formação baseada em conhecimento pedagógico e pedagógico específico, isto é, a importância do conhecimento pedagógico aplicado a cada área específica do conhecimento, que chamou de *pedagogical content knowledge*, e do conhecimento de como os estagiários poderão aprender segundo as suas características e os seus contextos educacionais.

1.2 O desenvolvimento pessoal e profissional do futuro professor

A formação para a profissão de professor não acaba quando concluímos o ensino superior, aliás, é apenas o começo de uma longa carreira.

Segundo o ponto 1. do anexo V do Decreto Lei n.º 240/2001 de 30 de agosto:

O professor incorpora a sua formação como elemento constitutivo da prática profissional, construindo-a a partir das necessidades e realizações que consciencializa, mediante a análise problematizada da sua prática pedagógica, a reflexão fundamentada sobre a construção da profissão e o recurso à investigação, em cooperação com outros profissionais. (p. 5571)

Assim sendo, de acordo com o decreto acima mencionado, a formação é um processo que estará sempre presente na prática profissional. É fundamental por diversas razões, nomeadamente, por garantir: a) uma “Análise problematizada da sua prática pedagógica”; b) uma “Reflexão fundamentada sobre a construção da profissão”; c) “A investigação em cooperação com outros profissionais”.

Quanto à “Análise problematizada da sua prática pedagógica”, Pacheco (2001) destaca que "a análise crítica da prática pedagógica permite ao professor identificar os obstáculos no processo de ensino-aprendizagem e desenvolver estratégias para superá-los, promovendo um ensino mais eficaz" (p. 123), ou seja, o professor está atento às atividades que incorpora na sala de aula e consegue identificar os problemas e dificuldades que surgem e tenta perceber e procurar soluções para superar as adversidades. Além do autor supramencionado, também Nóvoa (1992) tinha afirmado que "a prática pedagógica exige uma constante reflexão crítica, em que o professor deve estar atento às atividades que desenvolve na sala de aula, identificando problemas e procurando soluções para as dificuldades que surgem" (p. 45).

Por outro lado, também na “Reflexão fundamentada sobre a construção da profissão”, surge o professor como “ser reflexivo”, que é capaz de refletir sobre a sua prática para melhorar. Esta reflexão é feita com base em vários fatores: teorias das práticas pedagógicas, ensinadas na formação inicial; experiência em contexto de sala de aulas; e, por fim, é fruto da observação de outros professores e da auto-observação, pois para

Gonçalves (2006), a observação “é, na formação de professores, simultaneamente, uma necessidade e uma obrigação profissional.” (p. 33).

Ainda nesta linha de pensamento, Alarcão (1993) defende que “os professores têm de ser agentes activos do seu próprio desenvolvimento e do funcionamento das escolas como organização ao serviço do grande projecto social que é a formação dos educandos.” (p.5). Logo, o professor deve assumir um papel ativo, estando continuamente a refletir sobre a sua prática para procurar melhorá-la e para melhorar o funcionamento da escola.

Por fim, outro ponto a realçar é “A investigação em cooperação com outros profissionais” — através do trabalho em conjunto com outros colegas, como por exemplo, com a partilha de experiências, discussão de métodos eficazes e estratégias.

Durante muito tempo, as diretrizes educativas promoviam práticas que reduziam a educação e o ensino apenas à transmissão de conhecimento, em que o professor era o foco da aula e no qual a “avaliação dos resultados pedagógicos se limitava a verificar quem tinha triunfado e quem tinha falhado” (Campos, 1976, p.223). Atualmente, o professor deve contornar este pensamento e estar em constante atualização em relação ao que o rodeia, de modo a criar mecanismos que o auxiliem nos desafios que irá enfrentar em sala de aula e a melhorar a qualidade do ensino, criando assim um impacto positivo.

De forma a manter-se atualizado, o professor deve procurar formações, dentro ou fora da escola, que procurem conhecer, desenvolver ou aperfeiçoar estratégias. Tal como afirmava Delors (1996), “atualmente, o mundo no seu conjunto evolui tão rapidamente que os professores devem começar a admitir que a sua formação inicial não lhes basta para o resto da vida” (p. 161). Apesar de fundamental, a formação inicial por si só não chega, portanto é necessário que o professor procure uma formação continuada.

Em suma, o papel do professor irá sempre transpor os limites de apenas transmitir conteúdos. É necessário que o professor procure melhorar as suas práticas, sempre que possível, demonstre ética e rigor no seu trabalho, em prol de desenvolver uma prática educativa benéfica para a comunidade escolar. Gonçalves (2006) corrobora esta situação focando a necessidade de o professor gerir a confluência de processos de investigação, inovação e formação (p. 21).

1.3 A importância do estágio na formação inicial do professor de Português/ Inglês

O estágio é um momento crucial na implementação da teoria com prática. Além disso, é o momento em que há um contacto direto com a realidade, desde como funciona a escola e a sua organização, os departamentos disciplinares e a turma até à sala de aula. É através do estágio que o professor, na sua prática inicial, reconhece diversas metodologias e teorias estudadas com que mais se identifica, tendo oportunidade de aplicá-las. É ainda uma forma de adquirir diversas competências que servirão para o desenvolvimento na profissão docente. Ademais, é uma experiência que permite observar profissionais com mais anos de serviço, onde o jovem professor pode não só aprender a ensinar os conteúdos lecionados, como também métodos de construir uma relação com os alunos, planificar aulas e avaliar.

O estágio é um marco muito importante para a formação inicial do professor e passa por diversas fases: observação, planificação, avaliação e reflexão. Todos estes passos são cruciais para o decorrer do estágio e deverão ser acompanhados e supervisionados pelos professores-cooperantes, que estão presentes no decorrer do mesmo.

Em 2023, assistiu-se a algumas alterações na formação de professores na Região Autónoma dos Açores e passou-se a contar com o Decreto Legislativo Regional n.º 23/2023/A, decreto em vigor nesta altura. Nesta alteração realizada, no que concerne aos estágios pedagógicos, surge o perfil de “professor-estagiário”. Assim, segundo este documento normativo nos estágios, nomeadamente o Estágio em Ensino de Português e de Inglês no 2.º Ciclo, o professor-estagiário, contrariamente ao aluno-estagiário, passa a ser titular de uma ou duas turmas, caso o estágio seja bidisciplinar. O professor-estagiário deve participar nas reuniões do Conselho de Turma e nas reuniões de departamento, e deve também acompanhar os professores-cooperantes nas reuniões que sejam do seu interesse. Para além disso, o professor-estagiário é remunerado e o tempo de serviço é contabilizado.

Em suma, esta alteração nos estágios foi uma mais-valia visto que confronta o professor em formação inicial com a realidade da comunidade escolar, desde o participar em reuniões, ao viver o pleno de como funciona toda a estrutura da unidade orgânica onde

está inserido. Tal como menciona Sarmiento (2003), "A experiência do estágio pedagógico permite aos futuros educadores o contacto direto com a realidade escolar, o que é imprescindível para a construção de saberes profissionais." (p. 34), ou seja, o estágio pedagógico, assegura uma melhor preparação dos professores, através de um contacto desde cedo com a comunidade escolar, e da atribuição de uma maior responsabilidade ao professor-estagiário.

1.4 Aprender a Ensinar – o papel da observação, planificação, avaliação e reflexão no contexto de estágio

Como foi possível verificar anteriormente, o estágio é uma forma de consciencialização e aproximação à realidade do que será o nosso futuro na carreira docente. No entanto, para ensinar é preciso aprender, e isso requer passar por algumas etapas que são necessárias para o sucesso, sendo estas a observação, planificação, reflexão e avaliação.

Em primeiro lugar, observar o comportamento dos alunos é sempre um passo importante. Através da observação realizada dentro e fora da sala de aula, ficamos a conhecer as suas capacidades e competências, assim como a compreender muitas atitudes dos alunos. Ademais, também é possível, ao longo da observação, ficar a conhecer os interesses, informações relevantes, o contexto familiar e tudo o que seja pertinente para a melhoria da nossa prestação enquanto docente, de forma a adequar a forma como iremos intervir em sala de aula.

Segundo Estrela (1994)

Só a observação permite caracterizar a situação educativa à qual o professor terá de fazer face em cada momento. A identificação das principais variáveis em jogo e a análise das suas interações permitirão a escolha de estratégias adequadas à prossecução dos objectivos visados. Só a observação dos processos desencadeados e dos produtos que eles originam poderá confirmar ou infirmar o bem-fundado da estratégia escolhida. (p.128)

Ou seja, a autora sugere que a observação é uma ferramenta incondicional para o processo de formação do professor, pois permite compreender e conseguir dar respostas às situações que irão surgir.

Em segundo lugar, segue-se a planificação das aulas. A planificação, desde a unidade curricular ao plano de aula, é um elemento de grande importância para o professor, pois é a partir desta que são definidos e delineados os conteúdos e atitudes que são importantes que os alunos aprendam, quais as atividades que se devem proporcionar para que os alunos aprendam, como se pode verificar se aprenderam o pretendido (Lopes & Santos, 2015 p. 5).

Os autores a cima mencionados distinguem o processo da elaboração da planificação das aulas em quatro etapas já referidas:

A - Selecionar os objetivos de aprendizagem;

B - Selecionar atividades de ensino e de aprendizagem e os métodos ou estratégias para atingir os objetivos;

C - Selecionar os métodos/estratégias de avaliação para monitorizar a aprendizagem;

D - Prever atividades de remediação da aprendizagem.

Além de servir de fio condutor, as planificações são instrumentos que servem de reflexão para o professor, de modo que o docente possa evoluir e desenvolver-se a nível profissional, avaliando as suas ações e práticas didáticas. Claramente que é impossível para o professor prever ou antecipar tudo o que irá decorrer na sala de aula, por vezes é necessário um grande grau de flexibilidade e adequação no cumprimento da planificação, visto que poderão sempre surgir imprevistos.

No que concerne à avaliação e reflexão, estas estão ligadas e são cruciais no decorrer não só do estágio, como também na carreira docente. Primeiramente, como menciona Schön (1983), o professor deve ser capaz de refletir sobre a sua prática docente, de forma a evoluir e desenvolver competências e ferramentas que levarão não só ao seu sucesso como ao dos alunos.

Por outro lado, o *feedback* que é providenciado ao longo do estágio pedagógico, é também uma forma de nos consciencializarmos dos pontos fortes e pontos fracos, e de

termos a oportunidade de melhorar, tal como menciona o Zeichner (1993) "O feedback é um fator determinante para que o estagiário possa reconhecer as suas fraquezas e fortalezas, promovendo assim o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais reflexiva e eficaz".

Posto isto, observar, planificar, avaliar e refletir são componentes imprescindíveis para o bom funcionamento do ensino não só do estágio pedagógico, como ao longo do percurso profissional na docência.

1.5 Ser professor de Português e Inglês de crianças e jovens em pleno século XXI

Ser professor de crianças e jovens atualmente, pode ser visto, por um lado, como um desafio, devido à realidade tecnológica em que vivemos. No entanto, esta realidade alberga um aspeto dinâmico e enriquecedor, e uma vez que são crianças e jovens em pleno desenvolvimento e aprendizagem, o processo requer que reflitamos sobre a nossa prática pedagógica.

Utilizar a tecnologia tem impactos, podendo estes trazer benefícios no desenvolvimento educacional. Contudo, assistimos também a variados desafios. Um dos benefícios de utilizar tecnologia, por exemplo, tablets, nas salas de aula é a possibilidade de trazer dinâmicas interativas, em que cada aluno possa participar individualmente, tornando o processo mais envolvente e enriquecedor, por exemplo, utilizar as novas plataformas e recursos pedagógicos à disposição.

Contudo, a tecnologia também apresenta constrangimentos. Demasiado tempo exposto aos ecrãs prejudica a visão, uma vez que, nas horas livres, os alunos também utilizam a tecnologia. Além disso, a adoção dos manuais em formato digital prejudica a experiência de leitura, devido às dimensões do tablet, uma vez que o ecrã é de menor dimensão do que os livros, o que dificulta o campo de visão exposto, tornando-se um desafio visualizar as páginas completas do manual. A motricidade é outro campo que fica lesado, visto que os alunos passam a escrever menos nos livros e cadernos diários e, sendo que esta é uma prática que cria hábitos de vida pouco saudáveis, afetando

negativamente a postura e a falta de mobilidade geral das novas gerações. Face a esta solicitação constante, os professores deverão procurar formações contínuas que permitam responder às necessidades dos alunos e aos novos desafios.

1.6 Aprender a Comunicar numa Sociedade de Informação

Coutinho e Lisboa (2011), no que diz respeito à Sociedade de Informação (SI) sublinham “A ideia subjacente ao conceito de SI é o de uma sociedade inserida num processo de mudança constante, fruto dos avanços na ciência e na tecnologia.” (p.6).

Segundo o artigo das autoras supramencionadas, o conceito de SI não é recente, já tendo sido abordado anteriormente por outros autores entre 1962 e 1966. Este conceito surgiu numa situação em que a sociedade evoluía da agricultura para a indústria e para os serviços. Esta nova realidade exigia que houvesse mais transmissão de informações para desenvolver as competências necessárias para executar os trabalhos, tornando o papel da educação mais vincado.

Atualmente, a educação continua a ser uma parte importante nesta SI, contudo, a escola, e mais concretamente o professor, não passa apenas por transmitir conhecimentos. O professor é responsável por criar alicerces para que crianças e jovens sejam capazes de aprender a construir e transmitir as suas ideias, de forma oral, escrita, e até digital, de forma clara e coerente

As mesmas autoras referem que,

A finalidade dos sistemas educacionais em pleno século XXI, será, pois, tentar garantir a primazia da construção do conhecimento, numa sociedade onde o fluxo de informação é vasto e abundante, e em que o papel do professor não deve ser mais o de um mero transmissor de conhecimento, mas o de um mediador da aprendizagem. (Coutinho e Lisboa, 2011, p.10).

Ou seja, o papel do professor passa a ser mais ativo, sendo responsável por desenvolver diversas competências, tais como a comunicação, visto que é necessário que os jovens atualmente saibam analisar e compreender a informação a que estão expostos.

“In a world where knowledge is constantly changing, education must shift from focusing on what we know to how we learn, communicate, and adapt” (Davidson, 2017, p. 26). Esta afirmação de Davidson confirma o que as autoras anteriores afirmam, ou seja, que a educação deve acompanhar a evolução da sociedade. Apesar de os jovens nascerem numa era digital, isto não significa que saibam utilizar a informação adequadamente.

Portanto, comunicar numa Sociedade de Informação é ser capaz de utilizar as ferramentas desenvolvidas na educação, de forma útil e eficaz.

1.7. Aprender sobre Cultura(s) numa Sociedade Global

Com o constante crescimento populacional, os termos “globalização” e “Sociedade Global” foram ganhando impacto. Nos dias de hoje, a mobilização constante de pessoas e informação exige um maior contacto e diálogo entre indivíduos de diferentes culturas. Giddens (1992) caracteriza a globalização como sendo uma intensificação de relações sociais mundiais, onde se unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais podem ter repercussões em eventos que estão a longas distâncias.

Segundo a UNESCO (2002)

A diversidade cultural alarga o leque de opções à disposição de todos; é uma das fontes do desenvolvimento, entendido não apenas em termos de crescimento económico, mas também como meio para alcançar uma existência intelectual, emocional, moral e espiritual mais satisfatória. (p.3)

Esta afirmação enfatiza a importância de entender e valorizar a diversidade cultural, contribuindo para a construção de uma sociedade preparada e capaz de preparar indivíduos para um mundo intercultural.

Perante isto, a convivência entre culturas tornou-se um hábito, e é necessário criar ferramentas para que a sociedade esteja aberta a receber, respeitar e cooperar. Contudo, primeiro é preciso cada um ter consciência sobre a sua própria cultura, como menciona Cardoso (2017) "As competências interculturais exigem não apenas o conhecimento de outras culturas, mas uma capacidade de reflexão crítica sobre a própria cultura e as dos outros" (p. 89). Os indivíduos que pertencem a uma

determinada cultura devem primeiramente conhecer os fatores caracterizadores da sua cultura e perceber com que se identificam nesta. Só depois disso, de ganharem consciência sobre si e sobre a sua cultura, serão capazes de aprender mais sobre outras culturas.

Atualmente, com a troca constante de informações, conhecer uma nova cultura é mais acessível. Através dos recursos digitais, com uma pesquisa simples, é possível obter informações sobre hábitos, costumes, tradições, etc., de uma comunidade com uma outra cultura. No entanto, apesar desta facilidade, o contacto direto e a interação entre indivíduos continuam a ser a melhor forma de reter informação, uma vez que existem comportamentos e vivências que só são visíveis com a observação direta.

A escola é um lugar diversificado, é um espaço privilegiado de educação intercultural para os jovens. É comum vermos alunos de diversos contextos culturais integrados nas mesmas turmas e estes trazem consigo uma visão diferente do mundo, tradições, costumes e até uma língua diferente. Através deste contato, promove-se um ambiente facilitador de aprendizagem sobre outras culturas de forma mais significativa e de forma direta.

Posto isto, o papel da escola e do professor passa por serem responsáveis por promover momentos e estratégias de aprendizagem, em que crianças e jovens interajam e comuniquem entre si, numa tentativa de dar a conhecer todos os que são diferentes e enfatizar que não existem grupos dominantes e grupos subordinados, superiores e inferiores, de forma a evitar a exclusão.

Capítulo II

A interculturalidade: o papel do professor e estratégias a aplicar nas aulas de Português e de Inglês

2.1. A evolução do conceito de cultura - multiculturalismo e interculturalidade

O conceito de cultura sofreu grandes alterações ao longo do tempo. Logo encontrar uma definição concreta torna-se difícil. No início, o conceito de cultura estava relacionado com a agricultura, o cuidar do gado e da terra, era associado à mente e ao corpo.

A partir dos séculos XVII e XIX, este termo passou para o campo intelectual e artístico, e passou-se a ouvir conceitos como “cultura das artes” e “cultura das letras” (Cuche, 2002). Na Europa, mais especificamente em França, a cultura estava associada à inteligência individual e ao culminar de saberes da humanidade, surgindo o conceito de cultura ligado à “civilização”. Estes conceitos, apesar de serem diferentes, estavam interligados na medida em que se entendia a “civilização” como o resultado de todo o progresso, sendo a cultura o melhoramento do homem e a civilização o seu resultado, uma sociedade desenvolvida (Cuche, 2002), capaz de dominar o meio ambiente.

No final do século XIX e início do século XX, surge o conceito antropológico de cultura, com o trabalho de antropólogos como Edward B. Tylor e Franz Boas, que desenvolveram assim duas perspetivas do conceito de cultura (Canedo 2009):

- Uma conceção universalista, defendida por Edward Tylor, autor britânico, que definia cultura como algo que se vai adquirindo, tal como, conhecimento sobre valores e hábitos de um determinado local, havendo uma evolução e progressão das sociedades primitivas para sociedades civilizadas;

- Uma conceção particularista, defendida por Franz Boas, pesquisador americano, que afirmou cultura como um conjunto de traços caracterizadores de uma determinada sociedade, culminando na criação de uma identidade nacional.

A partir destas duas perspetivas, outras interpretações foram surgindo, e seguindo Canedo (2009, p.1-14) partilhamos as conceções que elenca.

As seguintes posições sobre a definição do termo de cultura:

- 1) “Modos de vida que caracterizam uma coletividade”; esta visão demonstra uma valorização das manifestações, e de símbolos e signos que não se veem numa cultura, tais como os valores e comportamentos que cada grupo social demonstra;
- 2) “Obras e práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento”; contrariando a primeira definição, esta valoriza a cultura como algo capaz de produzir e gerar retorno econômico;
- 3) “Fator de desenvolvimento humano”; nesta visão, destaca-se a importância de desenvolver o indivíduo para que se torne um cidadão integrado numa sociedade e obtenha as ferramentas necessárias para resolver problemas e para estar plenamente integrado na comunidade onde se insere.

Em suma, podemos verificar que o termo cultura surge em diferentes contextos no nosso quotidiano, sendo transversal a diversas componentes. Atualmente, adotou-se o conceito de cultura como algo que caracteriza uma sociedade, onde existe uma identificação nacional, com indivíduos que partilham comportamentos, valores, costumes, tradições, etc.

A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (2001) define cultura como um,

[C]onjunto de características distintas, espirituais e materiais, intelectuais e afetivas, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social (...) engloba, além das artes e letras, os modos de viver, os direitos fundamentais dos seres humanos, os sistemas de valor, as tradições e as crenças. (p.1)

Portanto, segundo esta definição, cultura é tudo aquilo que dá um sentido de identidade a uma nação, desde as artes, até aos valores que cada uma defende.

Falar de **cultura** é falar de interculturalidade e multiculturalismo. O esquema seguinte demonstra a relação existente entre os três conceitos. O objetivo do esquema é demonstrar que multiculturalismo se relaciona com a existência de diversas culturas num determinado local. A interculturalidade está intrinsecamente relacionada com valorizar as diferenças e aceitar cada cultura, adicionando o convívio entre as mesmas e a partilha de experiências.

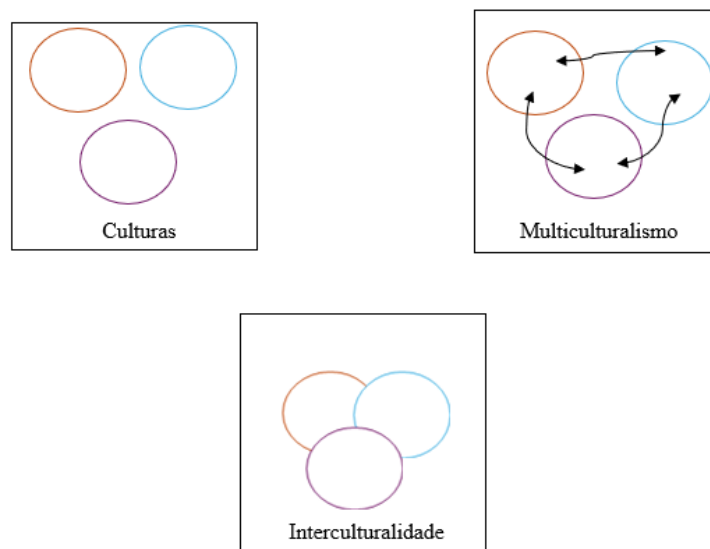


Figura 1.

Representação dos conceitos de cultura, multiculturalismo e interculturalidade

(Autoria: Professora-Estagiária).

Tal como o termo **cultura**, também **multiculturalismo** apresenta algumas definições e pontos de vista diferentes. “Multi” evidencia a noção de muito ou de pluralidade, logo o termo multiculturalismo assume uma concepção da coexistência de diversas culturas num determinado local.

Na ótica de Hall (2003) o termo multiculturalismo descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original. (p.52)

Nesta perspectiva, este conceito reconhece que numa sociedade existem diversas culturas que se respeitam, dialogam e vivem comumente, contudo, sempre valorizando a sua cultura de origem, não havendo uma cultura predominante. Pinto (2007) reforça esta

ideia, de uma sociedade que reconhece a existência de culturas diversificadas, “não no sentido de conduzir à existência de uma relação convencional plena entre todos, mas antes ao respeito” (p. 30). Além disso, o multiculturalismo reconhece que existem diferenças em cada indivíduo, povo, grupo social, e que cada um desenvolveu uma identidade e cultura própria e que cada uma, à sua maneira, é válida e responde às especificidades coletivas.

De seguida, passemos ao termo **interculturalidade**, segundo o qual já não existe apenas uma coexistência, existem relações entre indivíduos de culturas diferentes, o que é algo fundamental para o aumento de conhecimento entre as diversas culturas. Segundo Trindade (1998), interculturalidade pressupõe que “num mesmo espaço físico ou conceptual coexistem pessoas diferentes, portadoras de diferentes culturas (em termos de memórias, referências, valores, gostos e inclinações; projetos, expectativas, anseios; vivências, práticas, atitudes) mas que mutuamente reconhecem o seu direito a viver em comum” (p. 12). Este conceito reforça o que foi dito anteriormente, que não existe apenas convivência entre culturas, existe uma relação e interação entre várias culturas. Além disso, pressupõe-se que numa sociedade onde diversas culturas estão inseridas, existe uma integração das mesmas, através de um diálogo respeitoso com a cultura da sociedade onde se inserem. Assim, a interação é regulada com base no respeito pela diversidade e dando importância à convivência e à troca de experiências.

Assim, conclui-se que ambos os conceitos se relacionam com a cultura e a sociedade. Enquanto o multiculturalismo se refere à existência de diversas culturas num determinado local, a interculturalidade implica a construção de relações, a integração e o diálogo entre as diversas culturas. Em comum tem o facto de ambas contribuírem para a criação de uma sociedade onde prevalece o respeito pela diversidade.

Para este trabalho de relatório de estágio, optamos por ter como base o conceito de interculturalidade.

2.2. O papel do professor de Línguas na educação para a interculturalidade

"Qualquer acto educativo é um acto de influência directa ou indirecta e, por isso, é impossível educar sem influenciar, quer se reconheça essa intenção ou não." (Estrela 2001, p. 96). O papel do professor tem o potencial de influenciar os alunos, seja em sala de aula ou fora dela, este é um modelador através da transmissão dos seus conhecimentos, valores e atitudes e do seu discurso.

Segundo Bizarro e Braga (2004) “[a] educação intercultural, na escola, começa quando o professor ajuda o educando a descobrir-se a si mesmo” (p.58), ou seja, na sala de aula, cabe ao professor desenvolver e proporcionar atividades pedagógicas em que sejam exploradas as origens, etnia, valores e experiências pessoais de cada aluno. Após o professor abordar este autoconhecimento, deve apelar à aceitação da diversidade, visto que os alunos ganham consciência de que existe diversidade cultural não só em contexto de sala de aula, como na comunidade escolar. O autoconhecimento leva-nos ao desenvolvimento da criação do sentimento de empatia: “só então este poderá pôr-se no lugar do outro e compreender as suas reacções, desenvolvendo empatias” (Bizarro e Cunha, 2004, p.58).

O professor é responsável por dinamizar um diálogo e debates de forma construtiva, com o intuito de promover uma compreensão mútua, para que no final exista uma valorização da diversidade. Ademais, segundo as autoras supracitadas:

A educação intercultural consolida-se quando o professor propicia a igualdade de oportunidades de todos os grupos presentes na escola e o respeito pela pluralidade, num plano democrático de tomada de decisões e de gestão de espaços de diálogo e de comunicação entre todos. (Bizarro e Cunha, 2004, p. 58)

Ou seja, o professor é um dos principais responsáveis pela implementação do conceito de interculturalidade.

O professor deve ser responsável por demonstrar – de forma equitativa e sem favorecer uma cultura em detrimento de outra, através de abordagens pedagógicas dinâmicas que promovam o diálogo sobre a interculturalidade – que todas as culturas merecem respeito de igual forma.

2.3. Interculturalidade nos programas curriculares de Português e de Inglês

A realização do Estágio Pedagógico no 2.º Ciclo do Ensino Básico é feita de forma bidisciplinar, em Português e em Inglês, e cada disciplina é orientada pelas Aprendizagens Essenciais (AE) em vigor.

No que diz respeito à disciplina de Português, apesar de não aparecer discriminada nas AE, a interculturalidade aparece por diversas vezes no domínio da Educação Literária, através dos textos escolhidos pelos manuais, ou até mesmo dos textos selecionados pelos professores.

Relativamente à área curricular de Inglês, nas Aprendizagens Essenciais, no que toca à Competência Intercultural, designada nas AE de inglês, um aluno do 5.º ano deve:

Reconhecer elementos constitutivos da sua própria cultura e da(s) cultura(s) de língua estrangeira: diferentes aspetos de si próprio, identificar pessoas, lugares e aspetos que são importantes para si e para a sua cultura; identificar espaços de realidades culturais diferentes (a comunidade dos outros); localizar no mapa alguns países de expressão inglesa; associar capitais e algumas cidades desses países estudados; reconhecer aspetos culturais de países de expressão inglesa, tais como bandeiras e símbolos nacionais. Elementos da família real britânica; peças de vestuário; rotinas diárias e diferentes tipos de alimentos; festividades.

Apesar de a Competência Intercultural ser trabalhada, esta carece de mais conteúdo, uma vez que esta competência é rica em diversidade. Como se consta anteriormente, são trabalhados símbolos nacionais, identificação de aspectos importantes de culturas diferentes, no entanto, os focos importantes tornam-se superficiais, uma vez que não são abordados em profundidade os valores ou expressões culturais. Além disso, as AE têm como referência o Reino Unido, deixando por explorar outros países anglófonos, o que não contribui para uma verdadeira compreensão da diversidade cultural que é a língua inglesa.

Tendo em consideração as Áreas de Competências do Perfil do Aluno, este nosso relatório teve como objetivos desenvolver as seguintes áreas: linguagens e textos,

informação e comunicação, pensamento crítico e pensamento criativo, relacionamento interpessoal, e desenvolvimento pessoal e autonomia.

Por fim, o papel do professor passa por desenvolver práticas interculturais em contexto de sala de aula, tirando partido da sua experiência pessoal, assim como da dos alunos e criando momentos de partilha e interação entre diferentes indivíduos.

Segundo Politzer (1959)

If we teach language without teaching at the same time the culture in which it operates, we are teaching meaningless symbols or symbols to which the student attaches the wrong meaning. (pp.100-101).

De acordo com a citação acima, é impossível ensinar uma língua sem que a cultura dessa língua esteja envolvida. Ensinar uma língua sem o seu contexto cultural fará com que o aluno não consiga compreender certas expressões e atitudes, impedindo a boa comunicação entre locutor e recetor. A cultura dá significado às palavras, influencia a forma como cada indivíduo se expressa e se comporta. Se o aluno não entender o contexto cultural, pode fazer interpretações erradas, o que pode levar a problemas de comunicação e de relacionamento.

Capítulo III

O Estágio em Ensino das Línguas I e II

Introdução

O presente capítulo aborda a realização e o contexto em que foram realizados os Estágios de Ensino das Línguas I e II, concretizados no âmbito do curso de Mestrado em Ensino de Português e de Inglês no 2.º Ciclo do Ensino Básico, de acordo com o regulamento de estudos publicado no Decreto Legislativo Regional n.º 23/2023/A, de 26 de junho e o Regulamento dos Estágios Pedagógicos dos Mestrados Conferentes de Habilitação Profissional para a Docência da Universidade dos Açores publicado no Despacho n.º 5384/ 2022 de 04 de maio.

Com este novo decreto, Decreto Legislativo Regional n.º 23/2023/A, de 26 de junho, foi aprovado um novo Estatuto da Carreira Docente e trouxe algumas mudanças nas condições, nomeadamente a Portaria n.º 85/2023 de 29 de setembro de 2023, que alterou o estatuto dos professores-estagiários, uma vez que passaram a ser remunerados, o tempo de serviço passou a contar para efeitos de concurso (antes da profissionalização) e além disso, os professores-estagiários passaram a ter a responsabilidade por uma ou duas turmas, dependendo se o estágio for em diferentes ciclos ou bidisciplinar, ou seja, a intervenção do professor-estagiário será então realizada todo o ano letivo, iniciando-se no início do ano escolar, que no nosso caso decorreu de setembro de 2023 julho de 2024.

Neste capítulo focaremos a nossa atenção na Prática de Ensino Supervisionada nas disciplinas de Inglês e de Português, respetivamente, e ao longo do capítulo será feita ainda uma caracterização do contexto educativo onde decorreu o estágio no qual se elaborou o presente relatório, mais concretamente: o meio envolvente, a escola, a turma. Apresentaremos algumas das atividades desenvolvidas ao longo da nossa ação no estágio de ensino supervisionado, tendo por base as Aprendizagens Essenciais do Inglês e Português do 5.º ano de escolaridade e o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

3.1. Caracterização dos contextos de Estágio Pedagógico

3.1.2 Caracterização do meio envolvente

Os Estágios Pedagógicos I e II foram desenvolvidos, em 2023/24, numa Escola situada numa freguesia do concelho de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira. Conhecer o meio envolvente é um fator importante, pois este poderá facultar aprendizagens significativas nas crianças e nos jovens. Neste sentido, esta instituição escolar estava localizada numa área mais afastada do centro do concelho, o que constituía uma limitação no que diz respeito a possíveis deslocações ou visitas de estudos.

Além disso, ao seu redor apenas tinha um restaurante, o que limitava as opções de possíveis saídas. No entanto, apesar das limitações, para contrariar este afastamento, e devido à dificuldade de acesso a meios de transporte, resolveu-se utilizar as plataformas online disponíveis, tais como *websites* com visitas de estudo *online* e até o *Google Earth*.

3.1.2 Caracterização da escola

A escola onde decorreram os Estágios I e II é uma instituição educativa pública que abrange desde o Pré-Escolar até ao Ensino Secundário, incluindo ainda o Ensino Profissional e o Ensino Artístico. Esta instituição era frequentada por 1411 alunos, distribuídos pelos diversos níveis de ensino e pelos edifícios que integram esta unidade orgânica distribuídos pelo concelho de Angra do Heroísmo. O corpo docente era constituído por 269 docentes, igualmente distribuídos pelos vários níveis de ensino e pelos diversos edifícios.

Relativamente à estrutura desta instituição e aos serviços dedicados à comunidade escolar, no que foi possível observar ao longo do estágio, verificou-se que a escola oferecia zonas diversificadas, com imensos espaços interiores e exteriores, tendo capacidade para albergar a quantidade de alunos da instituição. Sendo uma escola com diversos níveis de ensino, notou-se a preocupação de serem definidos horários de tempos

livres diferentes para os vários níveis de ensino, de forma que não coincidisse alunos mais novos com os alunos mais velhos da escola. Por exemplo, o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico realizavam o horário de almoço mais cedo que o 2.º Ciclo, além de que estes tinham uma área de recreio separada do resto dos níveis de ensino.

O edifício principal da Escola era constituído por três pisos, sendo que o primeiro era destinado à secretaria, papelaria, Conselho Executivo e algumas salas de Ensino Artístico, no segundo piso estava o bar de convívio dos alunos e o bar dos professores, a reprografia, o refeitório, salas de direção de turma, algumas salas do Ensino Artístico e as salas destinadas às disciplinas de artes visuais. Há que realçar que no último piso, se encontravam a biblioteca escolar, que na ótica de professora-estagiária e tendo em conta a dimensão da escola, era pequena, as salas de aula e as salas multimídia. Relativamente à sala de aula, continha um computador com colunas, um quadro branco, um quadro branco interativo e um projetor. Quanto aos espaços fora deste edifício, muitos eram destinados às atividades desportivas (campos de futebol, basquetebol, pista de atletismo, complexo desportivo com piscina, sala de ginástica, parede de escalada e pavilhão desportivo). No que concerne aos espaços de recreio, como já foi mencionado, os alunos do Pré-Escolar e 1.º Ciclo tinham os seus espaços definidos; os restantes níveis de ensino podiam frequentar os restantes espaços exteriores da escola.

Em termos de projetos implementados, a instituição onde decorreram os dois estágios coordenava inúmeros projetos, na ótica da estagiária, bastante interessantes, relevantes e significativos para a comunidade escolar. Neste ano, a escola seguia o projeto Curricular de Escola (PCE) e apresentava uma orientação curricular equilibrada, capaz de responder às necessidades educativas daquela comunidade escolar.

Além disso, a escola apresentava ainda o Projeto Anual de Atividades, que englobava um conjunto de atividades que se realizam ao longo do ano letivo. Enquanto professora-estagiária, e por ser relacionada com o tema deste relatório, destacou-se a “Semana Cultural”, uma atividade realizada anualmente com um tema específico. No ano da realização do estágio, o tema que havia sido selecionado foi a “Liberdade” e durante três dias os alunos envolveram-se em atividades preparadas pela comunidade educativa. Ao longo dos dias, os alunos podiam frequentar exposições elaboradas por alunos, *workshops*, realizar um *peddy paper* relacionado com a liberdade, assistir a atuações de música e de dança e participar na maratona da leitura. Todas as atividades foram preparadas por alunos, docentes e não-docentes, e foi uma estratégia para promover e

expor o trabalho elaborado pelos alunos, de forma a caminhar para o sucesso das crianças e a aumentar a autoestima de cada uma.

3.1.3 Caracterização da turma

A turma era constituída por vinte e um alunos, seis raparigas e quinze rapazes, com idades compreendidas entre os nove e os onze anos. Estes alunos provinham de diferentes escolas do concelho de Angra de Heroísmo. Todos estavam a frequentar o 5.º ano de escolaridade do 2.º Ciclo do Ensino Básico pela primeira vez.

De um modo geral, a turma demonstrava ser um pouco heterogénea, não só pela diversidade de escolas de onde os alunos eram oriundos, como a nível de comportamento em contexto de sala de aula. A turma demonstrava, quase sempre, interesse, empenho e participação ao longo das aulas, demonstrando facilidade na aquisição dos conteúdos trabalhados.

Assim sendo, com base em observações realizadas pela estagiária ao longo dos Estágios, primeiramente no Estágio em Ensino das Línguas I (Inglês), e tendo por base as Aprendizagens Essenciais de Inglês para o 5.º ano, na **competência comunicativa**, relativamente à compreensão oral, a maioria dos alunos demonstrava alguma facilidade em identificar palavras ou expressões que lhes eram familiares e eram capazes de identificar a ideia global de pequenos textos, outros alunos precisavam de mais orientação e mais tempo. Quanto à compreensão escrita, era capaz de seguir instruções, compreender mensagens curtas e com vocabulário familiar. Na interação e produção oral, demonstravam alguma dificuldade em comunicar na língua estrangeira, devido à falta de vocabulário e por inseguranças, no entanto ao longo do Estágio foi sempre criado um ambiente de segurança e confiança entre alunos e professora-estagiária. No que concerne à interação escrita, eram capazes de produzir, pedir e dar informações simples, com recurso a ajuda. Na produção escrita, conseguiam descrever-se a si, com alguma ajuda, redigir pequenos textos demonstrando as suas preferências e gostos pessoais, e utilizando vocabulário familiar. Na **competência intercultural**, eram capazes de identificar pessoas, locais e aspetos que são simbólicos para eles, conseguiam identificar realidades e culturas diferentes e reconhecer aspetos culturais de países de expressão inglesa, tais como bandeiras e símbolos nacionais. Ademais, na **competência estratégica**, o grupo

comunicava eficazmente, contudo, a nível de trabalho em pequeno grupo tinha tendência a dispersar-se do trabalho que era pedido.

Relativamente ao Estágio em Ensino das Línguas II (Português), no **domínio da oralidade**, na compreensão oral, a turma era capaz de seleccionar a informação pertinente em função dos objetivos de escuta, na expressão oral, preparavam apresentações orais individualmente, planificavam os textos, intervinham com dúvidas e produziam um discurso coeso e adequado. Quanto ao **domínio da leitura**, por vezes demonstravam algumas dificuldades em entender um sentido global de um texto, no entanto, com auxílio de explicações adicionais conseguiam ultrapassar as dificuldades. Eram capazes de identificar os pontos principais e de fazer inferências, conseguiam identificar os tipos de texto e realizavam uma leitura autónoma, silenciosa e depois em voz alta. Na **educação literária**, foram abordados diversos géneros literários (narrativo, poético e dramático). As obras seleccionadas pela escola para serem lidas foram as seguintes: *A Fada Oriana*, de Sophia Mello Breyner Anderson, *A Viúva e o Papagaio*, de Vitória Wolf e *O Príncipe Nabo*, de Ilse Losa. As obras foram lidas e analisadas em aula, assim como os poemas. O grupo demonstrou muito interesse pelas obras estudadas. Os alunos eram, quase sempre, capazes de identificar o sentido conotativo das palavras; no entanto, tinham alguma dificuldade em reconhecer alguns recursos expressivos, nomeadamente a personificação e a comparação. Quanto ao **domínio da escrita**, era a área em que demonstravam mais dificuldades, pois muitas vezes não respeitavam as regras de ortografia, davam muitos erros ortográficos e de pontuação. Além disso, tinham dificuldade em utilizar vocabulário diversificado. Por outro lado, no **domínio da gramática**, o grupo conseguiu mobilizar com sucesso os conteúdos abordados neste domínio.

3.2. Práticas de Ensino Supervisionado em Estágio em Ensino das Línguas I e II

Este ponto aborda as dinâmicas e a análise global das práticas de ensino desenvolvidas ao longo dos Estágios de Ensino das Línguas I e II. Também neste tópico serão apresentadas as estratégias e recursos desenvolvidos ao longo dos Estágios, as calendarizações das atividades desenvolvidas, bem como uma análise e reflexão acerca das experiências captadas enquanto professora-estagiária no Ensino de Português e de Inglês no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

3.2.1 As práticas pedagógicas no Estágio do Ensino das Línguas I – Inglês

O presente ponto visa a apresentação de estratégias e recursos utilizados no Estágio em Ensino das Línguas I - Inglês, abordados ao longo do ano letivo, com a supervisão da professora-cooperante da escola onde foram realizados os estágios. Será ainda analisada uma sequência didática e, conseqüentemente, será feita uma reflexão desta mesma sequência. Todas as estratégias e recursos desenvolvidos foram previamente discutidos e planejados em conjunto com a professora-cooperante.

3.2.1.1 Estratégias e recursos

As estratégias e os recursos desenvolvidos foram pensados e modificados, sempre que se justificasse conforme os alunos e as necessidades da turma.

No início de cada aula era escrita a lição e o sumário no quadro branco e os alunos registavam-nos nos seus cadernos diários. À primeira vista, pode parecer uma tarefa simples, mas foi uma rotina cuidadosamente implementada para que os alunos conseguissem recordar e memorizar os números, os dias da semana e os meses do ano em inglês, captar algum vocabulário desconhecido e ficarem a par do que iria ser abordado na aula. Esta rotina fez parte de todas as aulas, por norma, era escrita pela professora-estagiária, contudo os alunos, com o passar do tempo, pediram para serem eles a escrever no quadro. Madeira (2017) afirma que “a rotina pode ser interpretada como uma sequência de acontecimentos previamente planejados e estruturados que se repetem numa estrutura, mas não necessariamente no seu conteúdo” (p. 23), ou seja, neste caso em específico, os alunos mantinham a rotina e o hábito de registrar o sumário, mas o conteúdo e a ação eram variáveis.

Para tornar as correções de exercícios mais dinâmicas, por vezes a professora-estagiária utilizava como estratégia um jogo que nomeou de “**Agora és tu o professor.**” Esta estratégia não era utilizada em todas as aulas, mas quando os alunos estavam menos ativos ou menos participativos era uma forma de dinamizar as aulas e desenvolver diversas competências, por exemplo a expressão oral e o pensamento crítico.

Como forma de introduzir uma temática ou no final da aula, era feito o jogo “*I spy with my little eye*”, em que através de simples jogos de vocabulário os alunos desenvolviam competência de oralidade e estavam a aprender. Como menciona Neto (2011) “[a] criança aprende a estruturar a linguagem através do jogo, isto é, brinca com verbalizações e, ao fazê-lo, generaliza e adquire novas formas linguísticas.” (p. 195), logo estão a desenvolver ferramentas linguísticas a jogar, e simultaneamente a explorar novas formas gramaticais, frases e expressões de uma forma criativa ao mesmo tempo que aprendem uma língua estrangeira.

A utilização de músicas em inglês mostrou-se uma excelente estratégia no ensino da língua, pois envolve os alunos e desperta o seu interesse. Na sequência didática em que foi lida e trabalhada uma versão adaptada da obra *Romeo and Juliet*, de William Shakespeare, a música foi usada como um meio de contextualizar e introduzir a história aos alunos. A professora-estagiária optou por utilizar uma cantora norte-americana conhecida, Taylor Swift, e selecionou a música “Love Story”, que retrata uma história semelhante à obra. O objetivo desta escolha passou por não só captar a atenção dos alunos, como fazer uma ligação entre a música e a história. Ao longo da atividade, os alunos ouviram a música e preencheram espaços em branco, tendo em conta que eram alunos ainda jovens; as palavras que tinham de ser preenchidas foram providenciadas, pois eram vocabulário desconhecido e poderiam ter dificuldades em conseguir escrever corretamente. Morley (1991) destaca a importância de aprender uma língua através de músicas, uma vez que permitem aos alunos estarem familiarizados com os sons, o ritmo e também a entoação da língua.

Quanto aos recursos digitais, ao longo do ano foi utilizado com mais frequência o *Kahoot*, uma vez que foi uma ferramenta que despertou muita curiosidade, e pediam com regularidade para jogar. De acordo com Franco (2013), os recursos digitais permitem a integração das diversas áreas do currículo, são versáteis e “tornam-se estruturantes e mediadores do processo de ensino e aprendizagem” (p. 1), considerando que podem ser utilizados como forma de avaliação diagnóstica ou para realizar revisões. Além disso, utilizar estes recursos, enquanto professora-estagiária, foi uma forma de estar a par do nível de compreensão dos alunos, permitindo ajustes ao processo de aprendizagem.

Quanto aos recursos em formato de papel, recorreu-se a diversas fichas de trabalho para consolidação de conteúdos, fichas de vocabulário e fichas com orientações,

principalmente para exercícios de expressão oral uma vez que necessitavam de mais orientação para a realização destas tarefas.

Figura 2

Ficha de vocabulário relacionado com a casa

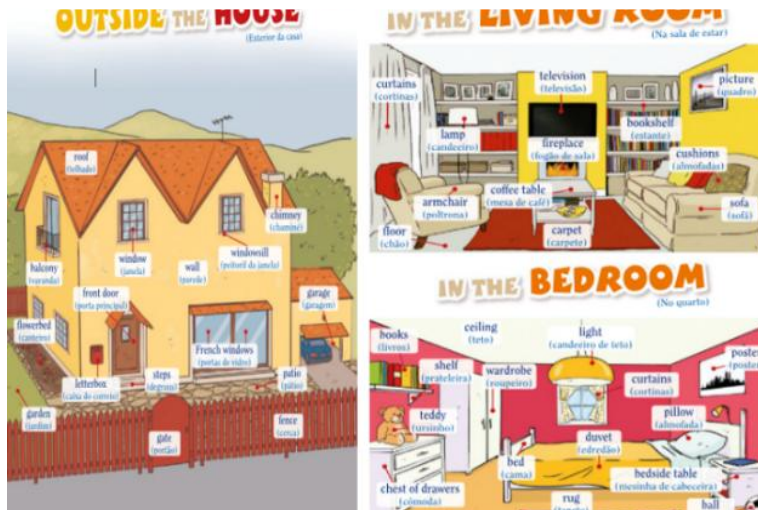


Figura 3.

Ficha de orientação para preparar uma apresentação. Elaborada pela

Describing people

Let's prepare your oral presentation.

Choose a famous person to describe.

Name and surname: <input style="width: 90%;" type="text"/>	Weight: <input style="width: 90%;" type="text"/>
Nationality: <input style="width: 90%;" type="text"/>	Hair: <input style="width: 90%;" type="text"/>
Job: <input style="width: 90%;" type="text"/>	Eyes: <input style="width: 90%;" type="text"/>
Height: <input style="width: 90%;" type="text"/>	Looks: <input style="width: 90%;" type="text"/>

Now, let's turn the information into sentences!

Well done!

3.2.1.2. Calendarização das Atividades do Ensino do Inglês

Iremos agora apresentar a calendarização das atividades do Estágio em Ensino das Línguas I - Inglês. O quadro que se segue (Quadro 1) foi elaborado com o auxílio, revisão e aprovação da Professora-Cooperante de Inglês, e tem como referências o manual adotado do 5.º ano pela Escola, as Aprendizagens Essenciais de Inglês do 2.ºCiclo e o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

Quadro 1.

Temas a desenvolver ao longo do ano letivo em inglês no 5.º ano.

Disciplina de Inglês		
Calendarização de atividades – 2023/24		Temas
Setembro	Interculturalidade*	Revisões
		Novos Conteúdos
Outubro		- Informação pessoal
Novembro		Família Objetos pessoais
Dezembro		Profissões Natal
Janeiro/fevereiro		A casa “Romeo and Juliet”
Março		Gostos Preferências pessoais
Abril		Descrição física * Vestuário Atividades
Maio		- Rotinas diárias - Alimentação
		Consolidação de Conteúdos
Junho		- Atividades de tempos livres (passatempos)

(*)Tema selecionado para a análise reflexiva de aula.

3.2.1.3 Análise e reflexão de uma Aula – selecionada de uma Sequência Didática

Esta planificação foi implementada numa turma de 5.º ano, para a elaboração da sequência didática foram selecionados conteúdos de dois domínios da área de competência do Inglês, as competências comunicativa e estratégica.

As áreas de competência e os objetivos foram delineados segundo os documentos Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Martins, et al., 2017) e as Aprendizagens Essenciais (ME., 2018).

Apresentamos de seguida (Quadro 2) a proposta de plano de aula de inglês.

Quadro 2.

Plano de aula de inglês

Domínios/Áreas de competência	Objetivos	Estratégias/Atividades	Recursos/Materiais Didáticos
Competência comunicativa Competência estratégica	<ul style="list-style-type: none"> Articular sons da língua inglesa não existentes na língua materna; pronunciar, com correção, expressões e frases familiares; Entender pedidos que lhe são dirigidos, perguntas que lhe são feitas e informações que lhe são dadas; identificar a ideia global de pequenos textos orais. Interagir de forma simples; participar numa conversa simples sobre temas básicos e factuais para satisfazer necessidades imediatas. <p>Perfil do aluno</p> <ul style="list-style-type: none"> Linguagens e textos. Informação e Comunicação. 	<p>Sumário: <i>Describing people: vocabulary and oral interaction</i>. Game: "Guess Who?". Exercises: page 77.</p> <ol style="list-style-type: none"> Entrega da ficha de vocabulário relacionado com a descrição física. (anexo 1) Relembrar o vocabulário, através da interação oral, fazendo a descrição de um aluno e uma aluna da turma. Registar no quadro as frases e copiar para o caderno diário. Jogo do "Guess Who?" cada aluno faz a descrição física de alguém da turma, depois irá falar e os colegas terão de adivinhar. Relembrar alguns adjetivos através da leitura e exploração da página 78 do manual. (anexo 2) Visualização do trailer do filme "Home", e realização das atividades de ativação de conhecimentos, a pares, das páginas 76 e 77. (anexo 3) 	<p>Manual</p> <p>Ficha de vocabulário</p> <p>Youtube</p>

Esta aula surge na sequência didática do tema “*Describing people*”. Para esta aula foi utilizado, como recurso de apoio, uma ficha de vocabulário que permitia aos alunos assimilarem novos conteúdos.

Para envolver os alunos na aula, as interações orais utilizadas foram exemplos de alunos da turma, assim criaram-se situações num contexto familiar, impulsionando os alunos a aplicar os termos com pessoas que conhecem. Registrar as frases (da descrição de um aluno) no caderno diário é sempre importante para os alunos, uma vez que permite ter registos estruturados e para interiorização do vocabulário. Para esta atividade, houve a preocupação de escolher um aluno e uma aluna, para poderem perceber o uso de “*he/she*”, e um conjunto de alunos, para perceberem quando usam “*they*”.

Utilizar o jogo “*Guess Who*” foi uma dinâmica que surgiu para aumentar a interação e adicionar um momento interativo e lúdico, além de promover o pensamento crítico. Apesar de ser arriscado, pois ao descrevermos alguém pode gerar conflitos ou desconforto, o ambiente sentido na sala foi sempre de respeito pelos colegas, promovendo uma valorização e aceitação das diferenças.

No que toca à interculturalidade, utilizámos o trailer do filme “*Home*” como forma de mostrar a amizade entre duas personagens que são diferentes, que provêm de culturas diferentes e que são diferentes fisicamente.

Figura 4

Imagem do filme *Home*



Este filme deixa a reflexão de que existe não só respeito como aceitação e coexistência entre pessoas que provêm de mundos/culturas diferentes, sendo uma personagem do planeta Terra e outro que vivia no espaço.

Síntese Conclusiva

Durante a sequência didática foi trabalhado a competência da expressão oral, a qual a professora sentia mais dificuldades em dinamizar. No entanto, após dialogar com a Professora-Cooperante, chegou-se à conclusão de que utilizar estes jogos como estratégias ao incentivo de aumentar a interação oral na sala de aula é uma mais-valia. Além de permitir um diálogo com a professora, os alunos estão também a interagir uns com os outros, enquanto mobilizam vocabulário e estão a desenvolver o pensamento crítico. Ademais, de uma forma inconsciente, para os alunos, foi abordado o tema interculturalidade com o filme, que promoveu valores importantes nos dias de hoje, mencionados nas aprendizagens essenciais “identificar espaços de realidades culturais diferentes (a comunidade dos outros)”, e valores como o respeito pelo outro e pela diferença e a importância da comunicação com pessoas de outras culturas.

3.2.2. As práticas pedagógicas no Ensino das Línguas II- Português

Este ponto do Relatório de Estágio visa a apresentação de estratégias e recursos utilizados na segunda parte, o Estágio em Ensino das Línguas II – Português, abordados ao longo do ano letivo, com a supervisão do professor-cooperante da escola onde foi realizado o estágio. Será ainda analisada uma sequência didática e será feita uma reflexão desta mesma sequência. Todas as estratégias e recursos desenvolvidos foram previamente discutidos e planejados em conjunto com o professor-cooperante.

É de salientar que, tendo em conta que ambos os estágios foram realizados com a mesma turma, algumas estratégias foram comuns.

À semelhança do estágio anterior, apresentamos de seguida (Quadro 3) a proposta de plano de aula de português.

Quadro 3

Temas a desenvolver ao longo do ano letivo em português no 5.º ano.

Datas		Temas
setembro	Interculturalidade	Diversidade cultural Interesses e expectativas
outubro		Texto narrativo e constituintes Compreensão e expressão do oral Produção de texto: entrevista Sinónimos e antónimos e sílabas
novembro		Leitura e audição de texto Leitura e exploração da obra <i>Fada Oriana</i> , de Sophia de Mello Breyner Anderson Compreensão e expressão do oral Nome, adjetivos, pontuação e tipos de frase
dezembro/janeiro		Texto poético Produção de texto: texto de opinião Formação de palavras e flexão verbal
fevereiro		Leitura e exploração da obra <i>A Viúva e o Papagaio</i> , de Virginia Woolf Flexão verbal: pretérito mais que perfeito Formação de palavras, tipos de frase, nome
março		Texto de enciclopédia, narrativo, publicitário, informativo e notícia Visionamentos de notícias e anúncios publicitários Produção de texto: de opinião Classes de palavras

abril	Texto narrativo (lenda e conto tradicional), informativo, poético e informativo (resumo) Preposição, quantificador e advérbio
maio/junho	Texto dramático(*) Leitura e exploração da obra <i>O Príncipe Nabo</i> , de Ilse Losa(*) Funções sintáticas, classes de palavras e formações de palavras

(*) – Tema selecionado para a análise reflexiva de aula.

3.2.2.1. Estratégias e recursos

Em conformidade com o Estágio em Ensino das Línguas I, o registo do sumário também era realizado no início de todas as aulas, com o objetivo de criar uma rotina em que os alunos pudessem perceber o que iria ser abordado na aula.

Numa abordagem construtivista, e para promover uma aprendizagem cooperativa, foi promovida a atividade “**2 estrelas e 1 desejo**”. Esta atividade teve como objetivo incentivar os alunos a refletir de forma crítica e construtiva sobre os trabalhos dos seus colegas. Ao conseguirem identificar dois aspetos positivos e uma melhoria, os alunos conseguiam reforçar diversos aspetos, tais como dar e receber *feedback*. No entanto, a professora-estagiária observou que os alunos demonstraram dificuldades em dar *feedback* de melhoria, pois não queriam afetar os colegas. Foi necessária a intervenção da professora-cooperante, para reforçar que ao dar sugestões estavam a ajudar os colegas a melhorarem os seus textos. No final, grande parte da turma conseguiu concluir a atividade com sucesso.

No estudo do texto poético, nomeadamente do poema “Limpa-palavras”, de Álvaro Magalhães, os alunos, através dos *tablets*, fizeram um **caligrama**. O objetivo era escolherem algumas palavras do poema estudado e completar com palavras importantes para os alunos. Cada aluno elaborou o seu e escolheu o formato, e de seguida enviou para a professora com o intuito de afixar na sala de aula (exemplo, na figura 5).

Figura 5.

Caligrama elaborado por um aluno.



Ainda no âmbito do estudo do texto poético, e para ir ao encontro do tema deste Relatório de Estágio, foi realizada uma atividade de escrita sobre a ilha Terceira, intitulada “**T de Terceira**”. O objetivo desta atividade era que os alunos partilhassem algo que na sua perspetiva fosse emblemático e característico da ilha Terceira, e em conjunto formassem um poema sobre a ilha. Os alunos assim conseguiam integrar a componente escrita e intercultural, ao refletirem sobre o meio que os rodeia, permitindo assim à professora-estagiária envolver os alunos na temática da interculturalidade na elaboração do poema final (na figura 6).

Figura 6.

Poema elaborado pelos alunos.

Terceira das festas
Onde tudo me lembra uma bela tourada
Cheia de florestas
E com turistas na estrada.
E nas ruas cães a ladrar
Au... ão... Ruffff... E todos a brincar
E o sol a aquecer
E as pessoas a correr.
E o mar tão azul
E a espuma das marés brancas
É esta a minha cidade.
Uma ilha pequena, bela e maravilhosa
E muito amada.
E quando vamos ao Relvão
Vê-se o nosso lar, lar, lar
E enchemos o nosso coração.

Como estratégia para promover o domínio da oralidade e uma forma de conhecer o meio onde os alunos residem, o Professor-Cooperante de Português sugeriu uma atividade lúdica, que consistia em conhecer monumentos ou locais emblemáticos da ilha Terceira. Nesta atividade, a turma colocava-se de costas para o quadro, à exceção de um aluno, que estava a ver a projeção; este tinha de responder a perguntas e/ou através de gestos, descrever a imagem projetada (Figura 7). Esta dinâmica era realizada em momentos finais da aula e servia para aumentar o conhecimento dos alunos e desenvolver a criatividade e oralidade.

Figura 7.

Momento da atividade.



3.2.2.3. Análise e reflexão de uma sequência didática

Esta planificação foi implementada numa turma de 5.º ano e para a elaboração da sequência didática foram selecionados conteúdos dos cinco domínios do Português (Educação Literária, Leitura, Oralidade, Escrita e Gramática), sendo a competência mais desenvolvida a Educação Literária, assim como atividades/estratégias a desenvolver com os alunos.

As áreas de competência e os objetivos foram delineados segundo os documentos Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Oliveira Martins, G. et al., 2017) e as Aprendizagens Essenciais (ME., 2018).

Apresentamos de seguida (Quadro 4) a proposta de plano de aula de português.

Quadro 4.

Plano de aula de português

Domínios/Áreas de competência	Estratégias/Atividades	Recursos/Materiais Didáticos
<p>Oralidade</p> <p>Educação Literária</p> <p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">• Selecionar informação relevante em função dos objetivos de escuta e registá-la por meio de técnicas diversas.• Interpretar o texto em função do género literário. <p>Perfil do aluno</p> <ul style="list-style-type: none">• Linguagens e textos.• Informação e Comunicação.	<p>Sumário: Breve história do teatro. Visita virtual ao Teatro Luís de Camões.</p> <p>Características do texto dramático. Introdução ao estudo da obra <u>O Príncipe Nabo</u>, de Ilse Losa.</p> <ol style="list-style-type: none">1. Visualizar um vídeo sobre o teatro e a sua história. https://www.rtp.pt/play/estudoemcasa/p7800/e531120/portugues-5-e-6-anos (desde os 1:41 até 3:01).2. Assistir a uma visita virtual ao Teatro Luís de Camões. (https://lucateatroluisdecamoses.pt/visita-virtual/).3. Revisão das características do texto dramático, através do visionamento de um vídeo e do manual <i>Palavras em Linha</i>, página 80. https://www.rtp.pt/play/estudoemcasa/p7800/e531120/portugues-5-e-6-anos (desde os 7:48 até 9:18).4. Apresentação da autora, através de uma entrevista, e realização de um exercício de compreensão oral.5. Visionamento de um vídeo, da Escola Virtual com um breve resumo da obra <i>O Príncipe Nabo</i>.6. Distribuição do guião leitura, com exercícios de ativação de conhecimentos, sobre a obra a ser estudada ao longo das aulas. <p>Início da leitura do livro</p>	<p>RTP Play- Estudo em casa;</p> <p>Escola Virtual;</p> <p>Manual;</p> <p>Livro- <i>O Príncipe Nabo</i></p>

Este plano de aula surgiu na sequência do estudo do texto dramático, nomeadamente a introdução à obra *O Príncipe Nabo*, de Ilse Losa. No decorrer da operacionalização, foram apresentadas atividades a serem realizadas pelos alunos, sendo a primeira, o visionamento de um vídeo sobre o teatro antigo. De seguida, uma visita virtual ao Teatro Luís de Camões, proporcionando aos alunos a oportunidade de visitarem este teatro, independentemente da sua localização geográfica. Foram ainda revistas as características do texto dramático.

Posteriormente, foi realizado um exercício de compreensão oral sobre uma entrevista de rádio feita à autora Ilse Losa, um pequeno texto em que a autora relata

momentos da sua infância, A obra foi lida e explorada em sala de aula e, paralelamente, preenchidas as atividades do guião de leitura. De forma a incentivar o pensamento criativo e crítico, os alunos planificaram e escreveram um texto de opinião sobre a obra que foi estudada, com algumas orientações.

Síntese Conclusiva

O processo de aprendizagem baseou-se numa abordagem de avaliação formativa (Lopes, J. & Santos, H., 2020), em que a professora observa e recolhe os dados de maneira sistemática no decorrer das aulas, fornecendo *feedback* aos alunos, de forma que possam tirar um melhor proveito no seu processo de aquisição e aplicação de conhecimentos.

No decorrer desta sequência didática, procurou-se, sempre que possível, seguir uma metodologia centrada nos interesses e necessidades dos alunos. Apesar de, tendencialmente, serem aulas mais expositivas, os alunos são o foco, havendo a possibilidade de os mesmos intervirem, com pertinência, de forma a criar um ambiente educativo propício à partilha de experiências enriquecedoras.

Enquanto professora-estagiária, foi com bastante satisfação que verifiquei que os alunos demonstraram interesse em diversos momentos da aula: num primeiro momento, ao realizarem a visita de estudo virtual, estavam bastante curiosos com os espaços que eram demonstrando, fazendo intervenções pertinentes e de forma ordeira: num segundo momentos, demonstraram bastante curiosidade em ouvir voz da autora da obra, uma vez que é não é hábito ouvirem a voz dos autores.

Esta aula demonstrou que diversificar metodologias é essencial para potenciar uma aprendizagem significativa.

3.2.4. Atividades Pedagógicas desenvolvidas na Escola ao longo do Ano

Neste ponto serão descritas algumas atividades desenvolvidas pela professora-estagiária e outras em parceria com a colega de núcleo da escola de realização do estágio, assim como colegas de outro núcleo.

De seguida, iremos ver na Tabela 1 algumas atividades desenvolvidas ao longo do ano letivo.

Tabela 1.

Atividades desenvolvidas pelo professora-estagiária.

Atividades desenvolvidas	
1. ^a Atividade	Celebração e realização de cartazes sobre <i>Martin Luther King</i>
2. ^a Atividade	Vídeo “O que é para ti a Liberdade?”
3. ^a Atividade	Maratona da Leitura
4. ^a Atividade	Visita de estudo virtual

A **primeira atividade** “Celebração e realização de cartazes sobre *Martin Luther King*”, foi proposta por colegas de outro núcleo de estágio e consistia numa troca entre de cartazes. Tendo em conta o tema deste relatório, a professora-estagiária achou indicado abordá-lo, não só porque iria ao encontro deste relatório, mas também por ser uma forma de os alunos conhecer mais sobre a história dos Estados Unidos da América e de um símbolo nacional, algo que faz parte das Aprendizagens essenciais na competência intercultural. Os alunos visualizaram vídeos relacionados com a vida do ativista e do seu emblemático discurso “*I have a dream*”, demonstraram imenso interesse, colocando diversas questões. Para os alunos foi muito importante, uma vez que ficaram a conhecer uma parte da história e foram capazes de sentir empatia por alguém que não pertence à nossa cultura. No final da aula, foram distribuídas nuvens, onde cada aluno escreveu um sonho pessoal. Na aula seguinte, a turma foi dividida em três grupos para elaboração dos cartazes, onde iriam colocar a sua nuvem e decorar o restante cartaz com adereços alusivos ao tema, providenciados pela professora-estagiária. Por fim, os cartazes foram enviados para o outro núcleo para serem afixados. Ao longo da visualização e posterior explicação dos vídeos, na ótica de professora-estagiária, foi um desafio explicar o que era este dia e o que era celebrado, tendo em conta a tenra idade dos alunos e o conteúdo em si. No entanto, a procura por vídeos adequados e a explicação tornaram o desafio possível

de alcançar, além disso, a curiosidade e o interesse dos alunos sobre o tema e na realização dos cartazes (Figura 8) foram fatores que evidenciaram o sucesso desta atividade.

Figura 8

Cartazes elaborados pelos alunos.

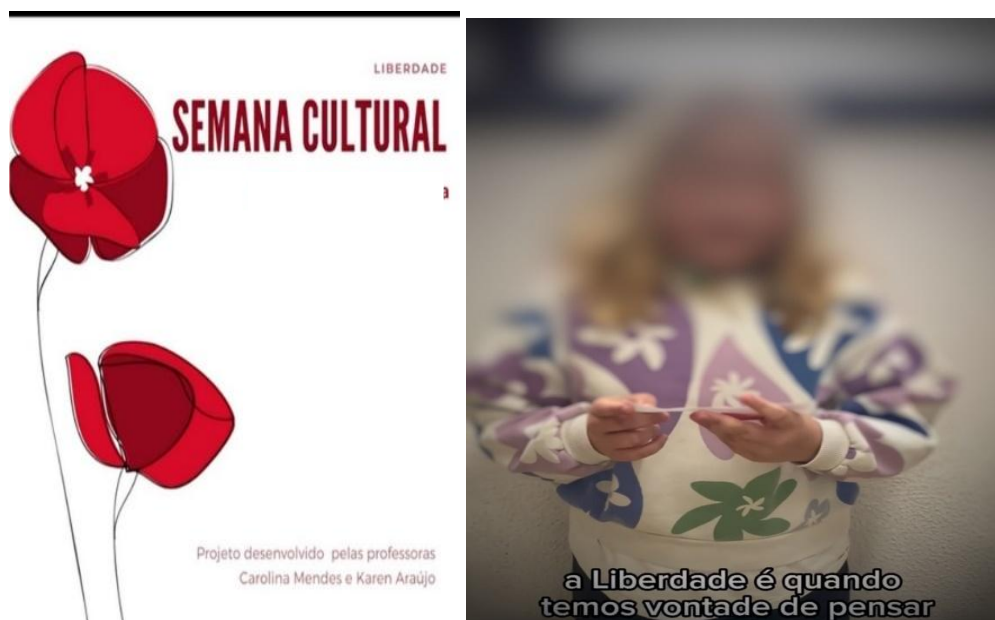


A **segunda atividade**, o vídeo “O que é para ti a Liberdade?”, tinha como objetivos, primeiramente, elaborar um vídeo para ser exposto ao longo da Semana Cultural da escola, sendo também uma forma de cada aluno refletir sobre o tema em questão e elaborar uma frase. Esta atividade foi um benefício para os alunos por várias razões: além de estarem a trabalhar o pensamento crítico e a fazer uma introspeção, muitos alunos associaram a palavra *Liberdade* ao simbolismo que esta tem na cultura portuguesa, mostrando que o aluno tem consciência de aspetos culturais nacionais. A professora-estagiária demonstrou-se empenhada e colaborativa ao longo da atividade. Além disso, demonstrou sensibilidade na forma como auxiliou os alunos que precisavam de ajuda para elaborar as frases, incentivando-os a refletir, de forma que cada um conseguisse exprimir as suas ideias de forma autêntica e que traduzisse a sua visão sobre

o que era pedido. A divulgação e visualização do vídeo na Semana Cultural constituíram um momento de valorização do trabalho dos alunos (Figura 9).

Figura 9

Capa do vídeo e uma aluna a partilhar a sua frase.



Para a **terceira atividade**, a Maratona da Leitura, integrada nas atividades dinamizadas na Semana Cultural da escola onde se realizou o estágio pedagógico, foram selecionados diversos poemas de autores portugueses que abordassem a temática da Liberdade. O objetivo desta atividade era não só a leitura de poemas, pois é um género literário com que não estão tão familiarizados, principalmente em suporte de livro, levando-os refletir sobre as diferentes formas em que pode surgir o texto lírico, mas também realizar a leitura em voz alta e para o público, sendo uma forma de os alunos ficarem consciente do seu corpo e adotarem uma postura adequada. A nível do desempenho da professora-estagiária, esta demonstrou cuidado na preparação, selecionando os poemas adequados à faixa etária e de pertinência temática. Além disso, tentou privilegiar autores portugueses e mostrar várias perspetivas. Ao longo da atividade, foi incentivando a participação de todos, apoiando aqueles que apresentavam mais dificuldades.

A **quarta atividade** foi a Visita de Estudo Virtual. Tal como foi mencionado na caracterização do meio onde se insere a escola, o afastamento do centro histórico da cidade, dificulta o acesso a possíveis visitas de estudo, portanto, como alternativa a esta dificuldade, e tendo em conta que iria ser abordado o texto dramático, surgiu a ideia de realizar uma visita de estudo virtual ao Teatro Luís de Camões. Esta experiência foi enriquecedora para os alunos e tinha como objetivo dar a conhecer mais sobre como é constituído um teatro, desde o palco aos bastidores, observando as diversas estruturas que o constituem. Na ótica de professora-estagiária, a atividade foi bem conseguida, os alunos demonstraram muita curiosidade e fizeram questões pertinentes relacionadas com a temática.

Figura 10

Visita de Estudo Virtual.



3.5. Reflexão final do estágio

O estágio iniciou-se no dia um de setembro de 2023 e desde o primeiro dia senti-me bastante acolhida pela comunidade escolar, tanto pelo pessoal docente, como pelo pessoal não-docente.

Senti-me sempre bem recebida, e sempre que precisei de ajuda, fosse nas planificações, na gestão de sala de aula ou em questões de comportamento dos alunos, todos estiveram sempre dispostos a ajudar. O apoio e a disponibilidade quer dos professores cooperantes, quer da minha colega de núcleo e da supervisora da universidade, foram fundamentais para minha adaptação e crescimento profissional.

No que toca à relação com a turma, criou-se uma relação muito boa com os alunos. A construção dessa relação foi gradual, baseada em confiança mútua e respeito. Enquanto professora-estagiária, ficou o sentimento de que não foi tudo feito, pois haverá sempre pontos que poderiam ser melhorados. No entanto, trabalhou-se para proporcionar aos alunos uma boa aprendizagem. Ver o progresso dos alunos e o seu entusiasmo nas aulas foi extremamente gratificante. Ao longo do ano foram planeadas atividades diversificadas para atender às diferentes necessidades e processos de aprendizagem, o que ajudou a manter os alunos envolvidos e motivados.

Relativamente ao Estágio em Ensino das Línguas I - Inglês, considera-se que foi mais desafiante enquanto professora-estagiária por diversas razões. Primeiramente, os alunos apresentavam diferentes níveis de conhecimento da língua, tornando-se difícil encontrar um meio termo. Em segundo lugar, a língua materna interferia muitas vezes nas interações, pois os alunos tinham tendência a recorrer à língua materna, dificultando a imersão total no inglês. Por fim, o ensino de uma língua exige conhecimento em diversos domínios, tais como compreensão do oral, interação escrita, etc., e por vezes o tempo das aulas não é suficiente. Apesar das dificuldades, tentei utilizar meios interativos e tentei personalizar a experiência da aprendizagem da língua sempre que possível.

No que concerne ao Estágio em Ensino das Línguas II - Português, a experiência foi significativamente diferente, foi mais fluida, sem tantos constrangimentos. Além disso, tendo em conta que era a língua-materna, a interação foi mais fácil. Os alunos aderiram muito às atividades realizadas ao longo do ano letivo, procuraram sempre que

possível expor as suas dúvidas, enfrentaram diversos desafios, tais como falar em público, e foram capazes de criar um ambiente de sala de aula dinâmico e colaborativo.

De um modo geral, os Estágios em Ensino das Línguas I e II contribuíram para uma experiência real naquilo que é a vida diária de uma professora. Embora os Estágios em Ensino das Línguas tivessem corrido os dois de forma diferente, procurou-se manter uma postura reflexiva, identificar o que correu bem, o que correu mal e o que poderia ser melhorado. Ademais, junto dos professores cooperantes, houve a preocupação de encontrar estratégias de adequação, observando aulas de professores que já detêm mais experiência em ensino como formas de aprender e evoluir enquanto profissional e pessoa,

Por fim, considera-se o Estágio Pedagógico um elemento fulcral para impulsionar a nossa carreira na docência. Tal como foi mencionado anteriormente neste relatório, a formação inicial aliada ao estágio pedagógico permite-nos desde cedo um maior contato com a realidade, conciliando a teoria com a prática. Isto contribui para um maior desenvolvimento das competências profissionais enquanto docente e promove o crescimento pessoal.

Capítulo IV

O nosso estudo

“A interculturalidade: o papel do professor e as estratégias a aplicar nas aulas de Português e de Inglês”

Introdução

Neste capítulo será apresentado um breve estudo sobre a temática deste Relatório de Estágio, ou seja, a “Interculturalidade: o papel do professor e as estratégias a aplicar nas aulas de Português e de Inglês”.

O capítulo inicia-se com a explicação da problemática e dos objetivos delineados para o nosso estudo, em função da análise da interculturalidade, enquanto tema transversal ao ensino das línguas e aqui desenvolvido a partir das perspectivas de professores e alunos.

Para a abordagem metodológica deste estudo, que consideramos ser descritivo e misto (análise quantitativa e qualitativa), são apresentados os procedimentos a que recorreremos para a aplicação dos instrumentos de pesquisa utilizados: um questionário direcionado aos professores e outro aos alunos. Após esta descrição, realizamos uma breve caracterização da(s) nossa(s) amostra(s) e é feita uma apresentação dos resultados obtidos ao longo da análise das questões respondidas, primeiro pelos alunos e depois pelos professores.

Por fim, será feito um balanço final dos resultados da investigação sobre o tema em estudo, confrontando-os com algumas das nossas referências teóricas.

4.1 A Problemática e os Objetivos do Estudo

Porque, como foi referido anteriormente, não é possível ensinar uma língua sem relevar o contexto cultural que a envolve, pois é este que dá significado às palavras, às ações, à expressão e à comunicação. Pretendemos aprofundar o tema da interculturalidade e das estratégias a serem aplicadas pelos professores nas aulas de Português e de Inglês. Sobretudo num momento civilizacional em que a interculturalidade predomina nas nossas escolas, queremos compreender as perspectivas que professores e alunos têm desta temática, pois nas escolas e na salas de aula coexiste a interculturalidade, isto é,

professores e alunos de diferentes culturas, com referências, valores, gostos expectativas, anseios; vivências, práticas, atitudes comuns à idade mas diferentes por cada pessoa em que se pressupõe que exista uma integração das mesmas, através de um diálogo e uma troca de experiências construtiva.

Posto isto, os nossos objetivos de pesquisa foram delineados no sentido de se compreender como se processa esta interdisciplinaridade na comunidade, em geral e escolar, e ao ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa e Inglesa, a que estratégias recorrem os professores para a sua divulgação.

Consideramos para objetivos do nosso estudo:

- Analisar como os alunos entendem a interculturalidade;
- Compreender se os alunos recorrem à interculturalidade em contexto escolar e/ou na comunidade em que se inserem;
- Compreender que estratégias e dinâmicas, no âmbito da interculturalidade, são aplicadas pelos professores de Português e Inglês em contexto de sala de aula.

4.2 Os Instrumentos de Pesquisa – Elaboração, aplicação e análise

O instrumento privilegiado neste nosso estudo foi o inquérito através do questionário. Segundo Afonso (2005, p. 101), ao utilizar este método “estamos em presença de estudos extensivos marcados pela tentativa de identificar determinados fenómenos, processos ou situações específicas”. Para a recolha de informação do nosso estudo, foram elaborados dois questionários, construídos na ferramenta online *Google Forms* e foram disponibilizados através de um link partilhado por via email.

Estes questionários (Anexos 1 e 2) foram constituídos por questões abertas e fechadas. Um direcionado a professores de português e inglês e outro aos alunos de três turmas do 5.º ano da escola onde se realizaram os estágios.

O primeiro questionário (Anexo 1 – Questionário I) foi aplicado aos professores de Português e de Inglês de todos os ciclos de ensino, das quatro escolas de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, de forma a procurar entender a visão desses professores, com reforço de uma análise efetuada a partir da sua experiência profissional, acerca de como

abordam nas suas aulas o tema da interculturalidade, e quais são as estratégias que consideram fundamentais para o seu desenvolvimento em sala de aula.

Quanto à estrutura do questionário aplicado aos professores, estava dividida em duas partes. A primeira parte consistia em responder a oito perguntas de carácter pessoal (sexo, idade, naturalidade, formação académica, área de formação académica, docente em que escola, grupo disciplinar de pertença e anos de serviço), que possibilitaram fazer a sua caracterização. A segunda parte, que englobava perguntas de acordo com a temática do nosso estudo, era composta por onze perguntas, cinco de resposta aberta e seis de resposta fechada.

Inicialmente, o questionário direccionado aos professores era somente destinado à escola onde foram realizados os estágios, contudo, a fraca adesão por parte dos professores de português e de inglês, fez com que a amostra se alargasse para as restantes escolas de Angra do Heroísmo – Ilha Terceira, onde existiam na altura 87 professores de português e de inglês, distribuídos do seguinte modo: Escola Básica e Secundária Tomás de Borba (n=28), Escola Básica e Integrada de Angra do Heroísmo (n= 28), Escola Básica e Integrada Francisco Ferreira Drummond (n=12) e Escola Básica e Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade (n=19). Obtivemos uma taxa de adesão baixa, isto é, de 26,4% desses profissionais, que perfizeram um total de 23 professores, correspondentes às três primeiras escolas.

Quanto ao segundo questionário (Anexo 2 - Questionário 2), este foi aplicado aos alunos que frequentaram o 2.º Ciclo, no ano letivo 2023/2024, nomeadamente a 59 crianças com idades entre os 10 - 12 anos, de 3 turmas do 5.º ano da Escola de Estágio, com o intuito de analisar e compreender os seus comportamentos e atitudes quando expostos à convivência com culturas diferentes das suas, em contexto escolar (na aula e fora de aula) e na relação com a comunidade.

No que concerne ao questionário aplicado aos alunos, este foi constituído por duas perguntas de carácter pessoal (sexo e idade) e oito perguntas direccionadas ao tema da interculturalidade, quatro de resposta aberta e quatro de resposta fechada.

Em ambos os questionários, a análise dos dados será realizada através de abordagem de estatística descritiva (frequências e percentagens) dos dados das questões fechadas e das questões abertas, estas após a categorização efetuada pela análise de conteúdo.

4.3 A nossa amostra – Professores e Alunos

A nossa amostra foi constituída por 23 professores de português e de inglês e 59 alunos do 5.º ano de escolaridade.

Iniciando pela caracterização dos 23 professores, observamos que 73,9% (17) eram do sexo feminino e apenas 26,1% (6) eram do sexo masculino, demonstrando uma predominância bastante significativa de mulheres em relação aos homens nesta profissão.

Relativamente à idade, 47,8% (11) professores tinham idades compreendidas entre os “41 e 50 anos”, 39,1% (9) desses professores tinham “mais de 50 anos” e 13% (3) professores tinham “entre 31 e 40 anos”. Não houve nenhuma resposta “Dos 23 aos 30 anos”. Podemos concluir que a maioria (86,9%) dos professores participantes deste estudo estava numa faixa superior ou igual a 40 anos, revelando terem alguma maturidade.

Quanto ao tempo de serviço, agrupamos as respostas por categorias: entre “0 e 10 anos de serviço” responderam 17,2% (4) dos professores; entre “11 e 25 anos” encontravam-se 30,1% (7) desses professores; “entre 26 e 32 anos”, 38,7%, (9 professores) e com “mais de 32 anos de serviço”, 12,9% (3) dos professores, exprimindo terem bastante experiência de ensino, pois mais de metade (51,6%) tinham “mais de 25 anos de serviço” docente.

Quanto à sua formação académica, eram quase todos licenciados (95,7%) e apenas 1 professor (4,3%) era detentor do Mestrado. Na área de formação, através da análise de dados, podemos constatar que a sua formação era muito diversificada. Verificamos que 1 professor (4,3%) não tinha formação na área de português e/ou inglês, tendo formação em Ciências Políticas; ademais, 9 professores (38,7%) tinham formação em Ensino de Português e de Inglês; 5 professores (21,5%) tinham licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas; apenas 1 professor (4,3%) tinha formação em Ensino de Português e Francês; 1 professor (4,3%) tinha como licenciatura Ensino de Português e História e Geografia de Portugal; 1 professor (4,3%) tinha licenciatura apenas em Português; 1 professor (4,3%) tinha formação apenas em Inglês e, por fim, 4 professores (17,2%) não especificaram qual a sua área de formação.

Quanto à escola onde lecionavam, a maioria dos professores que responderam ao questionário encontrava-se a exercer funções na escola da professora estagiária, representando 68,8% (16 professores) da amostra. O restante distribuiu-se pelas restantes duas escolas do estudo, respeitando 25,8% (6) dos professores da amostra.

No que refere ao grupo disciplinar, 12,9% (3) professores lecionavam no grupo 200 (Português e História e Geografia de Portugal); 12,9% (3) professores, lecionavam no grupo 300, Português no 3.º Ciclo e Secundário; 17,2% (4) professores lecionavam no grupo 330, Inglês no 3.º Ciclo e Secundário e por fim, a maioria dos professores que responderam ao questionário, 51,6% (12) pertencia ao grupo 220, português e Inglês 2.º Ciclo. Um professor não respondeu corretamente, pois não mencionou o grupo disciplinar que lecionava.

No que diz respeito à caracterização dos nossos alunos, iniciando a análise pela sua idade, observamos que a sua distribuição era de 52,5% (31) dos alunos com 11 anos; 37,3% (22) dos alunos com 10 anos; 8,5% (5) dos alunos com 12 anos e apenas um dos alunos (1,7%) tinha 13 anos. O aluno com 13 anos encontrava-se a frequentar o 5.º ano pela segunda vez. Quanto ao seu sexo, 57,6% (34) eram do sexo masculino e 2,4% (25) eram do sexo feminino. Nesta amostra, foi possível verificar que existia uma predominância do sexo masculino em relação ao sexo feminino.

Neste estudo recorremos à aplicação de um consentimento informado para os professores e, para os alunos, como foi aplicado na aula, a estagiária informou oralmente sobre os propósitos dos questionários e a participação voluntária e garantia de anonimato, sendo que a cada inquirido é atribuída uma numeração.

4.4 Apresentação e Análise dos Resultados

Iremos apresentar de seguida os resultados do estudo e a sua análise em função das questões apresentadas na segunda parte dos questionários utilizados para Professores e Alunos e que se centram na sua perspetiva e práticas.

4.4.1. Perspetiva e Práticas dos Professores

Neste ponto, iremos proceder à exposição do conteúdo das respostas dadas às várias questões pelos 23 professores de português e inglês das escolas de Angra do Heroísmo, com o intuito de responder ao nosso objetivo:

- Compreender que estratégias e dinâmicas no âmbito da interculturalidade são aplicadas pelos professores de Português e Inglês em contexto de sala de aula.

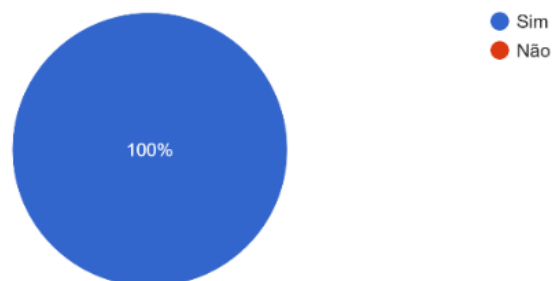
Iniciámos a segunda parte do questionário, inquirindo sobre a opinião dos professores sobre a importância de abordar a interculturalidade em sala de aula e o porquê.

1.ª Questão

Gráfico 1.

Importância da interculturalidade na sala de aula.

1. Considera importante abordar a interculturalidade na sala de aula?
23 respostas



Da análise ao gráfico 1 podemos observar que foi generalizada a opinião dos docentes da importância da interculturalidade no ensino das línguas, sendo várias as justificações apresentadas pelos docentes (Tabela 2) e que depois de uma análise de conteúdo foram classificadas nas seguintes categorias, apresentadas em função do número da variedade de respostas: 1.º. Educar para a Cidadania – Respeito pelas diferenças e Inclusão; 2.º. Conhecimento de novas culturas e suas vivências; 3.º. Formação e

desenvolvimento pessoal; 4.º. Ensino de Línguas para a comunicação intercultural; 5.º. Globalização.

Tabela 2.

Justificação dada pelos professores da importância da interculturalidade no ensino das línguas.

Categoria	Justificações	% Respostas
Educar para a Cidadania – Respeito pelas diferenças e Inclusão	<p>Para que os alunos possam (...) respeitar diferentes culturas e grupos étnicos (Prof.2)</p> <p>Considero ser uma questão de cidadania. (Prof.3)</p> <p>Para que os alunos (...) se tornem cidadãos mais tolerantes e inclusivos. (Prof.4)</p> <p>Porque faz parte da formação de um cidadão/ã ter noção de que a interculturalidade é parte da nossa sociedade e o respeito pela mesma contribui para o bem-estar coletivo. (Prof.6)</p> <p>(...) a formação dos alunos enquanto cidadãos informados e reflexivos (Prof.7)</p> <p>É cada vez mais importante conhecer e respeitar as diferentes culturas e grupos étnicos pois estes fazem parte de uma escola que se quer inclusiva e abrangente (Prof. 8)</p> <p>Enriquecer culturalmente a vida dos alunos. (Prof.9)</p> <p>Para melhor perceção das diferenças e semelhanças culturais e pelo respeito pelas mesmas. (Prof.14)</p> <p>(...) a necessidade de inculcar aos nossos alunos o respeito por culturas diferentes assim justifica a importância de abordar a interculturalidade. (Prof. 10)</p> <p>Para sensibilizar para a diferença. (Prof.11)</p> <p>A interculturalidade no ensino das línguas é essencial para a formação de indivíduos competentes, respeitosos (...) mas também promove a compreensão mútua, o respeito e a valorização da diversidade cultural, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e harmoniosa. (Prof. 18)</p> <p>Porque vivemos numa sociedade multicultural (Prof. 22)</p>	52,2%

<p>Conhecimento de Novas Culturas e Suas Vivências</p>	<p>Para que os alunos possam conhecer e compreender (...) as diferentes culturas e grupos étnicos. (Prof. 2)</p> <p>Porque é importante que os alunos tenham noção do mundo que os rodeia, fora o seu meio mais próximo. (...) (Prof 5)</p> <p>Enriquecer culturalmente a vida dos alunos. (Prof.9)</p> <p>Pela transmissão de cultura. (Prof.13)</p> <p>É um domínio importante a abordar para dar a conhecer aos alunos a cultura e os costumes de outros países. (Prof.16)</p> <p>(...) conhecer outras culturas. (Prof.17)</p> <p>É importante conhecer novas culturas, hábitos e costumes (Prof19)</p> <p>A partilha de diferentes visões e experiências culturais permite uma visão mais completa da realidade e do mundo. (Prof. 20)</p> <p>É importante fornecer aos alunos um conhecimento abrangente do mundo que o rodeia. (Prof.23)</p> <p>Aprender uma língua estrangeira requer um conhecimento da cultura do país. (Prof.24)</p>	<p>39,1%</p>
<p>Formação e desenvolvimento pessoal</p>	<p>É possível compreender causas e formas de discriminação, promovendo o diálogo intercultural (...) (Prof. 12)</p> <p>(...) preparar os alunos para o diálogo aberto e empático com o Outro. (Prof. 15)</p> <p>(...); estabelecer relação entre as aprendizagens e a vida real, tornando as aprendizagens mais significativas (...) (Prof.17)</p> <p>A cultura é essencial à formação individual. (Prof. 21)</p>	<p>17,4%</p>
<p>Ensino de Línguas-comunicação intercultural</p>	<p>E fundamental para facilitar o próprio ensino da língua (Prof.7)</p> <p>(...) contextualizar o ensino da língua; (...) (Prof.17)</p> <p>(...) O ensino de uma língua estrangeira, quando feito de forma intercultural, (...) facilita a comunicação (...) (Prof.18)</p>	<p>13,0%</p>
<p>Globalização</p>	<p>A globalização, as constantes correntes de migração (Prof.10)</p> <p>(...) porque o mundo está cada vez mais globalizado (...) (Prof.15)</p>	<p>8,7%</p>

Analisando a tabela 2, verifica-se que os professores destacaram com mais frequência a importância da formação para a cidadania, realçando o respeito pela diferença e inclusão, representando 52,2% do total de respostas dadas. Esta ideia foi reforçada ao longo do questionário, tal como menciona o professor 4: “Para que os alunos (...) se tornem cidadãos mais tolerantes e inclusivos.” ou o professor 6: “Porque faz parte da formação de um cidadão/ã ter noção de que a interculturalidade é parte da nossa sociedade e o respeito pela mesma contribui para o bem-estar coletivo.”

De seguida, 39,1% dos docentes valorizaram o conhecimento de novas culturas e suas vivências, reforçando a importância de proporcionar aos alunos uma melhor e maior compreensão do mundo que os rodeia e da diversidade cultural que existe, esta ideia é mantida pelo professor 20 que afirma que “A partilha de diferentes visões e experiências culturais permite uma visão mais completa da realidade e do mundo.”

Por fim, obtivemos as justificações com menos percentagem, mas não menos importantes, tais como a interculturalidade para a promoção do desenvolvimento pessoal dos alunos (17,4%), uma vez que conhecer, compreender e dialogar com indivíduos de outras culturas possibilita estabelecer relações de empatia e na vida real, refletindo sobre o que o professor 17 defende “(...) estabelecer relação entre as aprendizagens e a vida real, tornando as aprendizagens mais significativas (...)”.

Quanto ao ensino das línguas, 13% dos professores consideram que falar de interculturalidade é crucial no ensino de uma língua, sendo um elemento facilitador e contextualizador do mesmo. Relativamente à última categoria, a globalização foi mencionada apenas por dois professores (8,7%), afirmando que é importante falar de interculturalidade, tendo em conta que vivemos num mundo cada vez mais globalizado, tal como afirma o professor 15: “(...) porque o mundo está cada vez mais globalizado (...)”.

Relativamente à questão 2, foi importante percebermos se os professores de línguas tinham frequentado alguma formação relacionada com a interculturalidade.

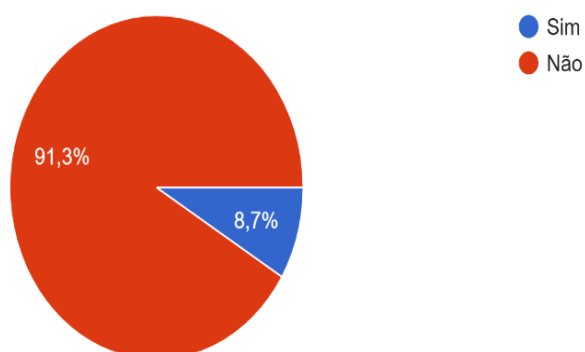
2.^a Questão:

Gráfico 2.

Formação específica sobre interculturalidade.

2. Durante a sua formação, inicial e contínua, frequentou alguma formação específica sobre interculturalidade?

23 respostas



Como podemos observar, um elevado número de professores não realizou qualquer tipo de formação, inicial ou continuada, sobre a temática do estudo. Dos testemunhos deixados pelos dois professores que frequentaram formações relacionadas com a interculturalidade, foi claro o tipo de preparação, pois responderam:

- “Foi uma disciplina integrada no mestrado que estou presentemente a completar. (Prof.º 5)”;
- “Foi uma formação realizada no âmbito do programa Erasmus+, que decorreu na Roménia e colocou em contacto durante 10 dias gentes de 11 países (incluindo países árabes). Foi uma oportunidade para se desconstruir preconceitos e estigmas e promover o diálogo intercultural.” (Prof. 15)

A próxima questão está relacionada com a frequência/hábito que os professores tinham em consultar as aprendizagens essenciais, nomeadamente no que toca à interculturalidade.

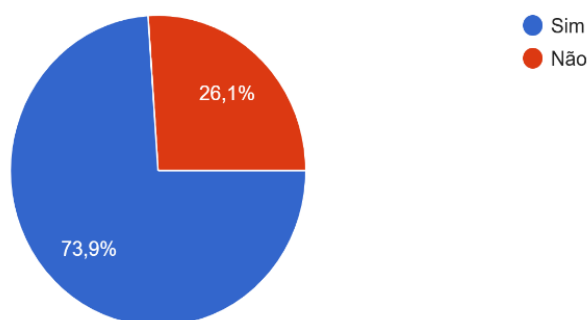
3.^a Questão:

Gráfico 3.

Consulta das Aprendizagens Essenciais.

3. Tem por hábito consultar as aprendizagens essenciais para orientar implementação do conceito da interculturalidade nas aulas?

23 respostas



- Verificámos que 73,9% (17) dos professores inquiridos possuíam o hábito de consultar as aprendizagens essenciais (AE) como orientação para abordar o tema em aula, enquanto 26,1% (6) mencionaram que não consultavam as AE.

4.^a Questão

“Que importância atribui à *interculturalidade* no ensino das línguas e de que modo o ensino de uma língua contribui para uma maior *interculturalidade*?”

Relativamente à 4.^a questão, todos os docentes inquiridos consideraram determinante o ensino das línguas para o trabalho da interculturalidade, posto isto, na tabela seguinte (T.3) iremos apresentar as quatro perspetivas em que como é o ensino das línguas contribui para uma maior interculturalidade, por ordem de respostas dadas, nomeadamente: 1.º Ganhos de Competências comunicativas e sociais; 2.º

Reconhecimento e aceitação de uma diversidade cultural; 3.º Características culturais - importância da língua; 4.º - Identidade.

Tabela 3.

Perspetiva dos Professores do modo de contribuição do ensino de uma língua para uma maior interculturalidade

Categoria	Modo de contribuição	% Respostas
Competências comunicativas e sociais	<p>(...) A aprendizagem de uma língua não deve ser limitada ao conhecimento oral e escrito da língua, toda a cultura que dela faz parte deve ser dada a conhecer. (Prof.5)</p> <p>O ensino de uma língua é fundamental para estreitar a comunicação e prevenir mal entendidos que podem levar a confrontos e distanciamentos desnecessários. (Prof. 8)</p> <p>Sendo a língua inglesa considerada a atual Língua Franca, como docente de Inglês é completamente natural permitir em sala de aula: diálogos, exercícios de escuta e de análise de culturas variadas. (Prof.10)</p> <p>Permite uma maior aproximação e interação. (Prof.11)</p> <p>(...) competências tanto culturais (...) para um bom relacionamento com pessoas de outras culturas, compreendendo-as e aceitando-as. (Prof. 12)</p> <p>Aprender uma língua contribui para aquisição de competências sociais. (Prof.13)</p> <p>As línguas promovem a socialização dos estudantes e o interesse por aprendê-las. (Prof.14)</p> <p>A interculturalidade contribui para contextualizar o ensino da língua; estabelecer relação entre as aprendizagens e a vida real, tornando as aprendizagens mais significativas;(...) (Prof.17)</p> <p>(...) A interculturalidade permite que os alunos desenvolvam competências comunicativas eficazes, tornando-os capazes de interagir de forma apropriada e respeitosa em diferentes contextos culturais. (...) Num mundo cada vez mais globalizado, a capacidade de compreender e interagir com pessoas de diferentes culturas é uma competência essencial. (Prof.18)</p>	43,5%

	<p>(...) aprender para falar com os outros em qualquer país que se pode visitar ou onde se pode trabalhar. (...) (Prof. 20)</p> <p>Sendo uma língua o veículo da comunicação por excelência, língua e interculturalidade devem ser o espelho uma da outra. (Prof. 22)</p> <p>(...) permite uma melhor comunicação entre os demais. (Prof.24)</p>	
Reconhecimento e aceitação de uma diversidade cultural	<p>Falar da interculturalidade é um hábito natural de quem dá aulas de inglês, uma vez que abordamos espontaneamente o tema, quando falamos do Reino Unido e dos países de língua inglesa. (Prof. 2)</p> <p>Não só nos torna mais conscientes da diversidade como é suposto que nos permita aceitarmos essas diferenças com naturalidade e parte integrante de quem somos. (Prof.3)</p> <p>(...) a interculturalidade pode ser uma ferramenta excelente no sentido em que contribui para um melhor e maior conhecimento da cultura de determinado país (...) (Prof. 5)</p> <p>As línguas propõem novos desafios aos alunos, obrigando-os a explorar diferentes perspectivas sobre o que os rodeia e descobrir outras formas de existência. (Prof. 9)</p> <p>(...) Ao aprender uma nova língua, os alunos não só ganham acesso a uma nova forma de comunicação, mas também a uma nova forma de ver o mundo. (...) (Prof.18)</p> <p>(...) ao conhecermos outras culturas deparamo-nos com diferenças no modo de vida, de pensar e de agir. (Prof.23)</p>	26,1%
Características culturais- importância da língua	<p>No ensino de qualquer língua há sempre espaço para a interculturalidade ou não fossem as línguas as marcas culturais dos povos. (Prof.6)</p> <p>(...) A língua espelha sempre a sua cultura. São indissociáveis. (Prof.7)</p> <p>(...) as línguas acabam por evoluir de acordo com a evolução cultural e, por outro, são as línguas um dos</p>	21,7%

	<p>principais vetores para que a interculturalidade aconteça de forma plena.(...) (Prof. 15)</p> <p>(...)pois aprender uma língua também implica aprender a cultura e os costumes desse(s) país(es). (...) (Prof.16)</p> <p>A interculturalidade contribui para (...) conhecer outras culturas e costumes. (Prof.17)</p>	
Identidade	<p>(...) de certo modo representa as identidades dos povos que a falam. (Prof. 4)</p> <p>(...) um universo cultural, um modo de pensar diferente. (...) (Prof. 21)</p>	8,7%

Da análise da tabela anterior vemos que os docentes inquiridos destacaram com mais frequência as competências comunicativas e sociais, ou seja, 43,5% dos inquiridos defendiam que aprender uma língua passa também por desenvolver competências de interação, principalmente em contextos culturais diversificados, tal como mencionou o professor 13: “Aprender uma língua contribui para a aquisição de competências sociais.”. Posto isto, é perceptível que, para ensinar uma língua é fundamental falar de interculturalidade, uma vez que assim os alunos conseguem aprender que atitudes e comportamentos devem adotar em determinadas situações, evitando constrangimentos, como afirmou o professor 18 “A interculturalidade permite que os alunos desenvolvam competências comunicativas eficazes, tornando-os capazes de interagir de forma apropriada e respeitosa em diferentes contextos culturais.”

A segunda categoria mais frequente está relacionada com o reconhecimento e aceitação da diversidade cultural. Cerca de 26,1% dos professores afirmava que ao estudar uma língua estamos a explorar, descobrir e conhecer outras realidades e outras formas de ver o mundo que nos rodeia; neste sentido, o professor 9 reforçava esta ideia de que “As línguas propõem novos desafios aos alunos, obrigando-os a explorar diferentes perspectivas sobre o que os rodeia e descobrir outras formas de existência.”

De seguida, 21,7% dos professores defendiam que a língua é uma característica indiscutível de uma cultura, professor 7 afirmava que (...) A língua espelha sempre a sua cultura. São indissociáveis.” E, por fim, 8,7% dos docentes indicaram a importância das línguas para conhecer a identidade cultural do povo.

Para melhor conhecer as estratégias utilizadas, passamos à análise da questão seguinte:

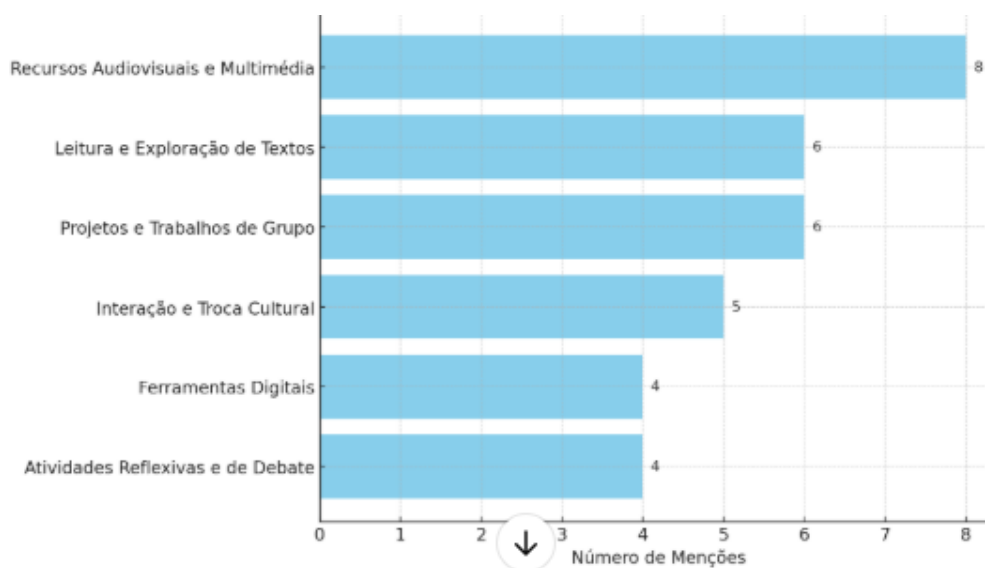
5.ª Questão

“Que estratégias e recursos mais utiliza para incluir a *interculturalidade* nas suas aulas?”

No que concerne às estratégias e recursos mais utilizadas, foi possível agrupar as estratégias e recurso nas seguintes categorias:

Gráfico 4.

Estratégias mais utilizadas.



Os “Recursos audiovisuais e multimédia” surgem com maior adesão (8 respostas), seguindo-se a “leitura e exploração de textos” e os “Projeto e Trabalhos de Grupo”, com igual realce (6 respostas). As situações de “Interação e Troca Cultural”, “Ferramentas Digitais” e “Atividades Reflexivas e de Debates” surgem com alguma frequência (entre 5 e 6 inquiridos) mas são menos mencionadas.

Nos gráficos seguintes (5, 6), referentes às questões de 6 e 7, ficamos a saber o nível de concordância dos professores no que respeita ao trabalho colaborativo, projeto e debates e a sua importância no que concerne a este tema.

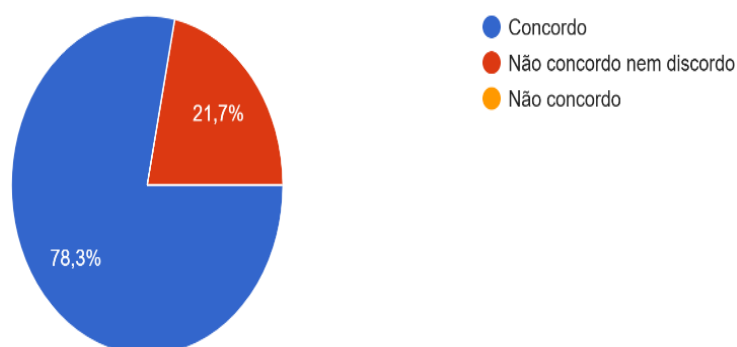
6.ª Questão:

Gráfico 5.

Importância de atividades colaborativas

6. “As atividades colaborativas em sala de aula contribuem para um ambiente inclusivo e intercultural”.

23 respostas



Quanto à afirmação apresentada, 78,3% (18) dos professores concordavam com a afirmação e 21,7% (5) dos professores não concordavam nem discordavam, não se registando situações para a opção “Não concordo”.

7. Questão:

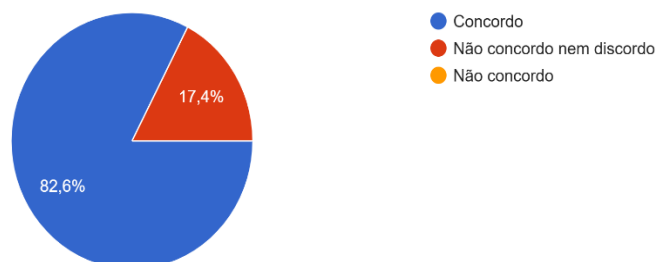
A questão seguinte informa-nos sobre a utilização de trabalho colaborativo em sala de aula.

Gráfico 6.

Utilização de metodologias ativas como promoção da interculturalidade

7. “A utilização de metodologias ativas, como a realização de projeto ou debates, é uma forma de promover a interculturalidade na sala de aula.”

23 respostas



Relativamente a esta afirmação, 82,6% (19) dos professores concordavam e apenas 17,4% (4) dos professores não concordavam nem discordavam. Nas opções oferecidas, a opção “Não concordo” não foi considerada por nenhum dos inquiridos.

Seguidamente, voltámos a querer saber a perspetiva dos docentes sobre o seu papel enquanto promotores da interculturalidade, através das questões 8 e 9.

8.ª Questão

Esta afirmação pretende perceber se os inquiridos consideram o professor um promotor de interculturalidade.

Gráfico 7.

Papel 8. “Enquanto professor/a, devo promover a interculturalidade de forma a auxiliar os alunos a desenvolverem habilidades sociais.”

23 respostas



Nesta afirmação, todos concordaram com a mesma, tendo sido consensual a importância do professor na promoção da interculturalidade.

9.^a Questão

“Na sua perspetiva, de que forma o papel do professor é importante para a promoção da *interculturalidade* no contexto de sala de aula?”

Por último, pretendeu-se conhecer o “modo” como cada professor, enquanto promotor da interculturalidade na sala de aula, promovia essa interculturalidade. Nesta questão, os professores 11 e 14 não responderam. Na tabela seguinte (Tabela 4) veremos que foram variadas as justificações dadas pelos docentes, adequadamente escalonadas em cinco categorias, de função do papel do professor: 1.º Mediador Cultural; 2.º Promotor de conhecimento, valores e atividades; 3.º Influenciador no desenvolvimento de competências sociais e respeito pelo outro; 4.º Função na Escola enquanto espaço intercultural; 5.º - Agente de informação.

Tabela 4.

Perspetivas sobre o papel do professor enquanto promotor da interculturalidade

Categoria	Perspetiva/Justificações	% Respostas
Mediador Cultural	(...) o professor pode e deve relacionar a nossa cultura com a do outro e fazer com que seja possível todos conviverem e se aceitarem. (Prof.2) (...) o papel do professor na promoção da interculturalidade (...) pode ser a única forma de muitos alunos terem acesso e contacto com realidades, costumes e tradições diferentes da sua. (Prof. 5) O professor (...) podem ser uma janela para que os alunos tenham acesso ao conhecimento e a realidades diferentes das suas. (Prof.9) Os professores são adultos de referência para crianças e jovens em idade escolar, logo devemos promover o valor da interculturalidade para ajudar a formar	38.10%

	<p>futuras sociedades com respeito pelo outro e pela sua cultura. (Prof.10)</p> <p>O professor é o responsável pela promoção da interculturalidade, por tudo aquilo que transmite e pela relação cordial e afável que tem com os alunos. (Prof.12)</p> <p>Possibilita relacionar e orientar os alunos relativamente a diferentes aspetos culturais. (Prof.13)</p> <p>O professor atua como mediador cultural introduzindo e explicando diferentes culturas, tradições e perspetivas aos alunos. (Prof.18)</p> <p>Na forma como interage com os alunos (Prof.19)</p>	
Promotor de conhecimento, valores e atividades	<p>(...) tudo o que o professor possa fazer no sentido de fomentar nos alunos valores como o respeito, a justiça, a honestidade, a humanidade... (...) (Prof.3)</p> <p>É importantíssimo, uma vez que é o promotor e catalisador das atividades que conduzem a essa promoção. (Prof.4)</p> <p>(...) Se o professor promove o conhecimento, a integração e o respeito estará sendo promotor da interculturalidade. (Prof. 6)</p> <p>(...) O professor deve dar a conhecer culturas diferentes e motivar os alunos a refletirem sobre elas e de que modo isso é importante para eles. (Prof.7)</p> <p>(...) o professor um veículo de transmissão de conhecimentos e valores dentro da sala de aula (...) (Prof. 16)</p> <p>O papel do professor é muito relevante, uma vez que é ele que planifica e orienta as atividades. (...) (Prof.17)</p> <p>Saber promover a interculturalidade é saber desenvolver competências de cidadania. (Prof.23)</p> <p>O professor é um facilitador, orientador e uma referência para os seus alunos. (Prof.24)</p>	38.10%
Influenciador no desenvolvimento de competências	<p>(...) o professor pode desempenhar um papel bastante relevante no que toca ao desenvolvimento nos alunos de competências sociais e cívicas, voltadas para a</p>	9.52%

sociais e respeito pelo outro	<p>promoção da interculturalidade, que lhes permitam entender e conviver com o Outro sem qualquer tipo de preconceito e fobia. (Prof.15)</p> <p>(...) o professor ajuda a desenvolver a compreensão e o respeito pelas diferenças culturais, promovendo uma convivência harmoniosa. A sala de aula deve ser um espaço onde os alunos se sintam confortáveis para expressar as suas opiniões e experiências culturais. O professor facilita este diálogo, encorajando discussões abertas e respeitadas sobre temas interculturais. (Prof.18)</p>	
Função da Escola enquanto espaço intercultural	<p>(...) alunos estão na escola grande parte do dia e é aí que podem adquirir/consolidar valores que sustentem o respeito e o espírito colaborativo sem fronteiras. (Prof.8)</p> <p>(...), a escola, pode(m) ser uma janela para que os alunos tenham acesso ao conhecimento e a realidades diferentes das suas. (Prof.9)</p>	9.52%
Agente de informação	O professor é agente de informação/formação (...) (Prof.6)	4.76%

Na tabela anterior fica plenamente demonstrada a importância do papel do professor enquanto promotor de interculturalidade.

Podemos verificar que 38,1% considerava o professor como um “mediador cultural”, que é responsável por incutir nos alunos determinados valores, promovendo um ambiente de aceitação e respeito, para a construção de uma sociedade tolerante e inclusiva. Reforçando esta ideia, salientamos a resposta do professor 12, que afirmava que “O professor é o responsável pela promoção da interculturalidade, por tudo aquilo que transmite e pela relação cordial e afável que tem com os alunos.” Também com 38,1% das respostas, os professores mencionavam o papel do professor como promotor de conhecimento, valores e atividades, uma vez que era responsável por dinamizar experiências culturais aos alunos, confirmando esta ideia com a resposta dada pelo professor 4: “É importantíssimo, uma vez que é o promotor e catalisador das atividades que conduzem a essa promoção.”

As categorias com menos representação são de igual importância. Alguns professores (9,52%) mencionavam a escola como um espaço intercultural, pois segundo o professor 8 “alunos estão na escola grande parte do dia e é aí que podem adquirir/consolidar valores que sustentem o respeito e o espírito colaborativo sem fronteiras.” Ou seja, sendo a escola um local onde os alunos passam uma boa parte do seu tempo, é o local ideal para conhecer e interagir com outras pessoas de culturas diferentes. No que concerne à influência no desenvolvimento de competências sociais e respeito pelo outro, também 9,52% apontaram que o professor tem um relevante nesta competência. Por último, apenas 4,76% dos docentes defenderam o professor como agente de informação.

4.4.2. Perspetiva dos alunos

Neste ponto iremos proceder à apresentação do conteúdo das respostas dadas pelos alunos de três turmas do 5.º ano da escola onde foram realizados os Estágios Pedagógicos, com o intuito de poder responder aos dois objetos deste relatório:

- Analisar como os alunos entendem a interculturalidade;
- Compreender se os alunos recorrem à interculturalidade em contexto escolar e/ou na comunidade em que se inserem.

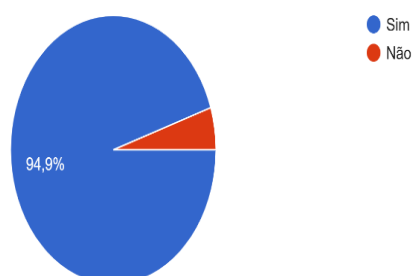
Posto isto, iniciamos em seguida a análise das respostas dadas à segunda parte do questionário, sobre a escola e as diversas culturas que a mesma engloba.

1.ª Questão:

Gráfico 8.

Escola enquanto espaço multicultural.

1. Achas que a escola é um lugar que engloba diversas culturas?
59 respostas



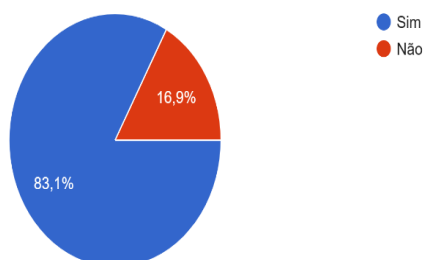
A maioria dos alunos, 94,9% (56), considerou que a escola é um local multicultural; apenas 5,1% (3) dos alunos responderam negativamente.

2ª Questão:

Gráfico 9

Importância de aprender sobre outras culturas.

2. Consideras importante aprender mais sobre outras culturas na escola?
59 respostas



Relativamente a esta questão, 83,1% (49) dos alunos acreditavam que é importante aprender sobre outras culturas na escola, e só 16,9% (10) dos alunos não corroboravam essa opinião. Desta análise do gráfico 8, podemos observar que a maioria era da opinião de que é importante aprender sobre outras culturas, tendo sido várias as justificações apresentadas (tabela 5).

Pela observação da tabela que se segue registamos o que os alunos nomearam para a relevância em adquirir conhecimento acerca de outras culturas, nomeadamente 1.º o (Re)conhecimento e compreensão da diversidade cultural e sua importância; 2.ª a Importância para a vida e para o futuro, reconhecendo a diversidade cultural; 3.ª o Desenvolvimento Pessoal; 4.ª a Importância da escola e do professor; e, por fim, 5.ª a Convivência com os outros.

Tabela 5.

Justificações apresentadas pelos alunos.

Categoria	Justificação	% Respostas
(Re)conhecimento e compreensão da diversidade cultural e sua importância	<p>Porque ficamos a conhecer mais sobre as outras culturas. (Aluno 6)</p> <p>Porque assim se conhecermos outras pessoas de outras culturas conseguimos saber quais são os gestos que não fazer, etc (Aluno 7)</p> <p>Porque, nós podemos conhecer culturas que não conhecemos (Aluno 9)</p> <p>Para saber sobre os outros países. (Aluno 10)</p> <p>Sim porque a gente pode aprender outras culturas do que a nossa. (Aluno 16)</p> <p>Para conhecer coisas para além da terceira (Aluno 17)</p> <p>Sim, porque assim aprendemos a perceber as outras culturas (Aluno 20)</p> <p>Torna o conhecimento melhor. (Aluno 24)</p> <p>Porque ficamos a saber mais sobre as culturas (Aluno 25)</p> <p>Uma vez que cada vez mais aprendermos mais sobre culturas (Aluno 27)</p> <p>Para ver como são as outras culturas e a importância delas (Aluno 31)</p> <p>Para ver como são as outras culturas (Aluno 32)</p> <p>Torna o conhecimento melhor. (Aluno 38)</p> <p>Por que podemos aprender muito com as outras culturas. (Aluno 39)</p>	33,3%
Importância para a vida e para o futuro,	<p>Sim, porque sem a escola não arranjamos trabalho (Aluno 13)</p> <p>Sim, porque também devemos aprender sobre o mundo (Aluno 15)</p>	28,9%

reconhecendo a diversidade cultural	<p>Porque nos podemos aprender línguas e outras coisas (Aluno 18)</p> <p>Sim, porque as culturas para a nossa vida (Aluno 19)</p> <p>Para sabermos outras línguas (Aluno 26)</p> <p>Sim porque pode ajudar se formos a outro país. (Aluno 34)</p> <p>É porque aprender sobre outras culturas é diferente e bom para o desenvolvimento do mundo (Aluno 36)</p> <p>Porque ficamos a saber mais, sobre diversos países e cidades. (Aluno 40)</p> <p>Pois podemos ir um dia visitar essa cultura já saber um pouco dessa cultura. (Aluno 42)</p> <p>Pois assim poderemos saber mais sobre outros países (Aluno 47)</p> <p>Porque a cultura é importante (Aluno 51)</p> <p>Para ficarmos a saber como é a cultura de outros países lugares etc (Aluno 53)</p> <p>Porque assim conseguimos perceber sobre as outras culturas (Aluno 60)</p>	
Desenvolvimento Pessoal	<p>(...) muitas culturas que ainda não aprendemos (Aluno 3)</p> <p>Sim, porque as culturas são diversas e divertidas. (Aluno 5)</p> <p>Para as pessoas aprenderem mais. (Aluno 12)</p> <p>Porque é fixe aprender outras culturas (Aluno 21)</p> <p>Assim aprendemos mais (Aluno 22)</p> <p>Porque acho importante sabermos outras culturas além da nossa. (Aluno 28)</p> <p>Para respeitamos os diferentes (Aluno 37)</p> <p>Porque ficamos a saber mais, sobre diversos países e cidades. (Aluno 40)</p>	24,4%

	<p>Sim ,porque acho que aprender assuntos novos é importante (Aluno 43)</p> <p>Para a gente aprender (Aluno 45)</p> <p>Porque aprendemos mais sobre as culturas (Aluno 50)</p>	
<p>Importância da escola e do professor</p>	<p>Porque a escola tem muitas colturas (Aluno 30)</p> <p>Porque a escola e um local bom (Aluno 33)</p> <p>Porque os professores esforçam-se para explicar bem aos alunos (Aluno 35)</p>	6,7%
<p>Convivência com os outros</p>	<p>Para depois interagimos com outras pessoas que não são da qui de Portugal. (Aluno 4)</p> <p>Para conviver com pessoas de outro lado (Aluno 8)</p>	4,4%

Segundo 33,3% dos alunos, (re)conhce e compreende a diversidade cultural é importante, destacando a relevância de se conhecerem outras culturas para evitar constrangimentos, tal como menciona o aluno 7: “Porque assim se conhecermos outras pessoas de outras culturas conseguimos saber quais são os gestos que não fazer, etc.”, mostrando assim uma valorização em aprender mais sobre outras culturas para um melhor relacionamento. Cerca de 28,9% dos alunos atribuíram importância para a vida e para futuro, reconhecendo a diversidade cultural, uma vez que consideram aprender mais sobre outras culturas uma mais-valia para o futuro, por exemplo para encontrar trabalho, como mencionou o aluno 13 -” Sim, porque sem a escola nao arranjamso trabalho” -, ou para viagens, como referiu o aluno 42 “Pois podemos ir um dia visitar essa cultura já saber um pouco dessa cultura.”

De seguida, 24,4% dos alunos consideram importante aprender sobre outras culturas para o desenvolvimento pessoal, expressando a ideia de que ao aprender sobre outras culturas estamos a aumentar o nosso conhecimento geral sobre o mundo. Por fim, apenas 4,4% afirmaram que é importante aprender sobre culturas para conviver com outras pessoas.

Para melhor perceber em que contextos eram realizados os convívios interculturais dos alunos inquiridos, apresentamos uma nova questão:

3.ª Questão:

“Costumas conviver com colegas de outras origens? Se sim, costuma ser na escola ou fora.”

Tabela 6.

Existência de convívio com pessoas/colegas de outras origens e local

Categoria	Nº de Respostas	Percentagem (%)
Não convive com pessoas de outras culturas	13	22,0%
Sim, na escola e fora da escola	9	15,3%
Sim, só na escola	7	11,9%
Sim, só fora da escola	8	13,6%
Sim (sem especificar onde)	6	10,2%
Casos específicos ou outros (família, natação, etc.)	4	6,8%
Respostas pouco claras ou sem resposta concreta	12	20,3%

Das respostas apresentadas, 20,3% (12) foram pouco claras e, por isso, pouco conclusivas. Registamos que 22% (13) dos alunos que disseram não conviver com pessoas/ colegas de outras culturas e dos que responderam afirmativamente (57,7%), grande parte fazem-no “só fora da escola” (13,6%), alguns “só na escola” (11,9%), muitos em ambos os contextos (15,3%) e alguns em contextos diferentes (família, atividades extracurriculares, outros – 6,8%),

Sendo a escola o lugar mais nomeado, colocamos uma questão específica (4.ª Q.).

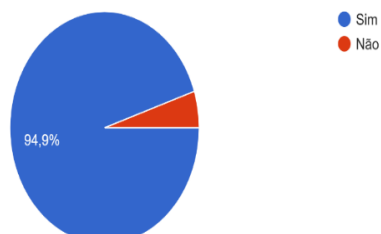
4.^a Questão

Gráfico 10.

A escola como espaço de interação

4. Achas que a escola é um local onde as pessoas podem interagir com outras culturas?

59 respostas



No que concerne a esta questão, a generalidade dos inquiridos, cerca de 94,9% (56) alunos, considera que a escola é um espaço onde pessoas de várias culturas podem interagir. Apenas 5,1% (3 alunos) dos inquiridos discordaram.

Apresentamos a quinta questão com o intuito de perceber se os alunos tinham noção de algum evento relacionado com a escola e o conhecimento de outras culturas.

5.^a Questão

“A tua escola tem atividades que promovam o conhecimento de outras culturas? Se sim, descreve uma.”

Na tabela 7 iremos proceder à análise das respostas dadas pelos professores.

Tabela 7.

Atividades culturais dinamizadas na escola.

Categoria	Nº de Respostas	Percentagem (%)
Respostas pouco claras ou sem resposta concreta	30	50,9%
Semana Cultural	13	22,0%
Menção de outras línguas estrangeiras (Francês, Alemão)	10	16,9%

Categoria	Nº de Respostas	Percentagem (%)
Eventos Culturais (25 Abril, etc.)	6	10,2%

Muitas respostas que os alunos deram direcionaram-se à celebração da Semana Cultural (22%, com 13 alunos a responder) realizada na escola onde foram efetuados os questionários; 16,9% (10) dos alunos mencionaram a aprendizagem de outras línguas como o francês e o alemão; 10,2% (6) alunos mencionaram eventos culturais, por exemplo, as comemorações relacionadas com o 25 de Abril. Os restantes 30 alunos (50,9%) responderam que não conheciam nenhum evento ou não especificaram nenhum concretamente.

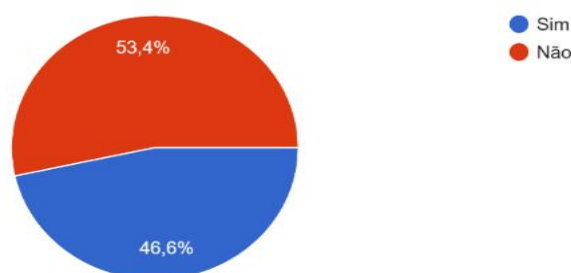
Por fim, para perceber o conhecimento dos alunos sobre a interculturalidade e o seu significado, colocámos mais duas questões (Q. 6 e 7).

6.ª Questão:

Gráfico 11.

Conhecer o termo interculturalidade.

6. Conheces o termo Interculturalidade?
58 respostas



A maioria dos alunos inquiridos (53,4%, 31 alunos) admitiu não conhecer o termo, e 27 alunos, que correspondem ainda a muitos alunos (46,6% do total), afirmaram que conhecem o termo.

7.^a Questão

O que achas que a palavra *Interculturalidade* significa?

Nesta última questão, foi pedido aos alunos a sua opinião sobre o que consideram ser o significado de interculturalidade, cujas respostas, depois de apreciadas são apresentadas na tabela seguinte (T.8) e que expõe os diversos pontos de vista dos alunos.

Tabela 8.

Explicações dadas pelos alunos sobre o significado de interculturalidade.

Categoria	Explicação	% de Respostas
Cultura/ várias culturas	Significa as culturas diferente (Aluno 2) Acho que significa que existem várias culturas (Aluno 5) Cultura misturadas (Aluno 6) Interculturalidade significa várias culturas (Aluno 8) Que são culturas de diversos países (Aluno 9) Eu acho que é sobre cultura (Aluno 11) Acho que significa cultura (Aluno 29) É cultura (Aluno 30) Eu acho que significa culturas (Aluno 31) É cultura (Aluno 32) Significa várias culturas (Aluno 34) Acho que significa culturas internacionais (Aluno 35) Eu acho que é cultura geral. (Aluno 40) Eu acho que São varias culturas. (Aluno 41) É alguma coisa a aver com cultura (Aluno 46)	35,6%

<p>Não sabe ou resposta indefinida</p>	<p>Não sei. (Aluno 10)</p> <p>Uma escola com a semana cultural. (Aluno 13)</p> <p>Não sei desculpe. (Aluno 16)</p> <p>Dentro da culturalidade (Aluno 22)</p> <p>Significa cultularidade internacional. (Aluno 24)</p> <p>Não sei muito bem (Aluno 33)</p> <p>Significa culturalidade internacional (Alunos 38)</p> <p>Em uma coisa fazer outra(?) (Aluno 43)</p>	<p>30,5%</p>
<p>Conviver / interagir com outras culturas</p>	<p>Eu acho que interculturalidade é a conexão entre outras culturas (Aluno 15)</p> <p>E interagir com outras pessoas (Aluno 18)</p> <p>Um convívio entre as pessoas. (Aluno 19)</p> <p>Amizade? (Aluno 23)</p> <p>Convivência entre culturas (Aluno 37)</p> <p>É quando uma pessoa vem visitar a nossa cultura. (Aluno 42)</p> <p>Conviver (Aluno 44)</p> <p>Acho que são diversas culturas na sua sociedade (Aluno 47)</p> <p>Eu acho que a palavra interculturalidade significa ser amigos dos outros (Aluno 57)</p>	<p>15,3%</p>
<p>Conhecimento, respeito e aprendizagem sobre outras culturas</p>	<p>É uma cultura daquela região (Aluno 3)</p> <p>Saber várias culturas (Aluno 7)</p> <p>Respeitar as outras culturas (Aluno 14)</p> <p>Priseber as outras culturas (Aluno 20)</p> <p>Conhecer outras culturas (Aluno 28)</p>	<p>13,6%</p>

	<p>Na minha opinião Significa é aprender sobre outras culturas (Aluno 36)</p> <p>Aprender e descobrir novas culturas. (Aluno 39)</p> <p>O significado da palavra interculturalidade para mim é perceber sobre outras culturas (Aluno 59)</p>	
Línguas	<p>Significa todas as línguas misturadas (Aluno 4)</p> <p>Línguas misturadas. (Aluno 12)</p> <p>Falar sobre outras línguas (Aluno 25)</p>	5,1%

Na tabela 8 podemos ver as explicações que foram dadas pelos alunos inquiridos sobre o significado de interculturalidade. Cerca de 35,6% dos alunos associaram a palavra à cultura ou várias culturas, ainda que de forma genérica, ou seja, reconhecem que existe uma diversidade cultural. Ficamos apreensivos pelo facto de uma grande percentagem, 30,5% dos alunos não terem noção sobre o termo de “interculturalidade” ou não responderem adequadamente à questão, demonstrando ser uma percentagem significativa que não compreende o conceito.

Alguns alunos, 15,3%, conseguiram relacionar o termo com a convivência e interação entre culturas, tal como menciona o aluno 18: “Um convívio entre as pessoas.” ou o aluno 37: “Convivência entre culturas”. Relativamente aos alunos que relacionaram o termo à aprendizagem, respeito e conhecimento sobre outras culturas, 13,6%, estes alunos aproximaram-se do sentido de uma parte do significado, tal como menciona o aluno 59: “O significado da palavra interculturalidade para mim é perceber outras culturas”. Apenas 5,1% dos inquiridos relacionaram interculturalidade com aprender alguma língua. Por último, uma grande percentagem, 30,5% dos alunos não sabia ou não respondeu adequadamente, demonstrando ser uma percentagem significativa que não compreende.

Estratégias inovadoras mencionadas pelos nossos professores inquiridos

Atualmente, e como já foi mencionado no Capítulo I deste Relatório de Estágio, existem desafios em ser professor dos jovens da sociedade atual. Neste ponto, iremos focar-nos em estratégias inovadoras para promover a interculturalidade. Contudo, o primeiro desafio é perceber o que é inovador. Nos dias de hoje, o aluno já tem acesso a diversos tipos de meios e recursos, tornando difícil para o professor conseguir encontrar recursos inovadores.

Contudo, no decorrer deste estudo, através dos inquéritos realizados a professores de português e de inglês, verificou-se que os mesmos utilizam diversos meios, tais como: “Visionamento e audição de música originária de diversos países e de vídeos/podcasts; leitura de textos sobre tradições específicas dos lugares em estudo.” (Prof. 4); “Diálogo, visualização de entrevistas e pequenos filmes, produção de materiais de sensibilização como cartazes ou murais na escola/sala de aula, troca de cartas, debates e sessões de apresentação promovidas por instituições exteriores à escola.” (Prof. 12); “Simulações - para que os alunos se coloquem no lugar do outro -, pesquisas, visualização de vídeos e debates.” (Prof. 15)

A partir dos resultados obtidos e relacionando com este ponto, podemos verificar que os professores de português e inglês utilizam diversas formas para incluir e promover a interculturalidade nas aulas. Estas estratégias passam por exploração de vídeos e músicas, e leitura e interpretação de textos de autores estrangeiros. Além disso, atualmente é hábito os jovens ouvirem podcasts, e utilizar este recurso como método de promover o conhecimento de outras culturas é uma excelente forma de aproximar os alunos da realidade cultural que os rodeia.

Outro aspeto que merece destaque são as simulações, nas quais os alunos têm oportunidade de “experienciar” outras perspetivas. Estas simulações são bastante importantes e podem ser incorporadas nas aulas de línguas, como forma de desenvolver a expressão oral, e em simultâneo enriquecer o seu conhecimento cultural.

4.5. Conclusão e Discussão

Após a apresentação dos dados obtidos, procuramos evidenciar uma apreciação global dos resultados, ressaltando os aspetos que consideramos mais relevantes para este estudo, de forma a dar resposta aos objetivos delineados da investigação. Relativamente ao objetivo “Compreender que estratégias e dinâmicas no âmbito da interculturalidade são aplicadas pelos professores de Português e Inglês em contexto de sala de aula”, iremos proceder à devida análise e referir as conclusões retiradas.

Considerando a recolha feita através dos dados e informações obtidos, podemos verificar que os **professores** procuram abordar e promover a interculturalidade por diversos meios. A utilização de recursos audiovisuais (vídeos, músicas, filmes, podcasts) foi a estratégia mais mencionada pelos professores. O uso de ferramentas digitais é uma abordagem facilitadora para os alunos, uma vez que os mesmos conseguem visualizar e interiorizar os conceitos, causando um maior impacto. Tal como foi mencionado em capítulos anteriores deste relatório, atualmente, os jovens estão cada vez mais ligados ao digital, portanto, utilizar estes métodos para os alertar para o tema em questão, é uma mais-valia.

A leitura e exploração de obras de autores estrangeiros foi também uma estratégia considerada por muitos dos professores inquiridos. Conhecer uma cultura, através de outros autores, contribui para que os alunos aprendam, por meio da literatura, outras perspetivas e diferentes realidades.

No que concerne a estratégias através de atividades lúdicas, os professores utilizam simulações, *role-plays* e *quizzes*. Os alunos estão a explorar diferentes dinâmicas, desenvolvendo o aspeto emocional e criando empatia pelos outros. Além disso, é uma forma de cada um poder refletir sobre aspetos culturais, inculcando, intrinsecamente, o poder de compreender, valorizar e reconhecer que existem diferenças culturais, e que estas devem ser respeitadas.

Por fim, alguns professores recorrem ao trabalho por projetos, selecionando dias temáticos para celebrar algum evento cultural. Ainda nesta linha de pensamento, são também referidos a criação de cartazes, murais e exposições que promovem a interculturalidade. Posto isto, e segundo a análise realizada ao longo do estudo, é possível perceber que o professor desempenha um papel fundamental, sendo um dos principais

promotores da interculturalidade através de diversas estratégias, mencionadas anteriormente.

Em suma, após a análise dos dados obtidos, é possível compreender que os professores de Português e de Inglês demonstram alguma variedade de estratégias, sendo o recurso a audiovisuais a dinâmica privilegiada entre os docentes. A panóplia de estratégias utilizadas revela que os professores procuram transmitir conteúdos culturais de forma impactante e que se aproximem dos interesses dos alunos.

Focando agora a nossa perspetiva **nos alunos**, e culminando com os objetivos “Analisar como os alunos entendem a interculturalidade;” “Compreender se os alunos recorrem à interculturalidade em contexto escolar e/ou na comunidade em que se inserem”, iremos proceder à análise e às conclusões retiradas dos questionários realizados aos alunos.

Quanto ao termo interculturalidade, a maioria dos alunos revelou alguma compreensão, contudo limitada. Conseguiram identificar que o termo está relacionado com “cultura” e “diversidade cultural”, ainda assim, a nível mais profundo, nas respostas são variadas.

De um modo geral, interpretaram de forma correta o conceito, utilizaram termos como “várias culturas”. Alguns conseguiram associar interculturalidade a uma “mistura de cultura”, já se aproximando do conceito. São respostas que já demonstram a noção de que envolve uma relação e uma coexistência de diferentes culturas num determinado espaço, seja na escola ou fora dela. Por diversas vezes utilizaram termos como “convivência”, “interação” e “amizade”, intensificando o aspeto de que têm noção de que tem de existir uma interação entre as culturas.

Contudo, muitos alunos admitiram que não conhecem o termo, ou deram respostas distantes do significado. Este desconhecimento face ao termo pode ser indicador de que existe uma necessidade de um trabalho por parte do professor de forma mais aprofundada, ou pelo facto de os alunos inquiridos ainda demonstrarem alguma imaturidade derivada da idade, lembrando que são crianças com idades entre os 10 e 11 anos. Através do questionário, alguns alunos perceberam a importância da escola e de algumas atividades dinamizadas em sala de aula, são capazes de perceber que aprendem sobre outras culturas nas aulas de línguas, principalmente sobre a cultura inglesa.

Em síntese, relacionando todos os dados obtidos, todos os professores concordaram que são detentores de um papel importante na promoção da interculturalidade; no entanto, a grande maioria afirma que durante a sua formação inicial e contínua não frequentou formações relacionadas com o termo, tal como menciona Peres (2000) que o professor

Deve, ainda, aprender a ensinar sobre culturas sob a perspetiva comparativa, por forma a desafiar maneiras diferentes de ver o mundo e a diversidade cultural; desenvolver práticas pedagógicas que possam sensibilizar as crianças para a multiculturalidade e para a reflexão através da observação das diferenças e da interpretação cultural. (p.275)

Contudo, existe uma lacuna no que toca a formações, contribuindo, possivelmente, para a generalidade das respostas dadas pelos nossos alunos, pois muitos sabem apenas factos gerais e outros desconhecem por completo o conceito.

Tendo isto em conta, Pereira (2004) reforça que

A formação deve centrar-se, não apenas no acesso à informação e ao conhecimento sobre teorias, modelos e estratégias de educação multicultural, mas também no desenvolvimento de atitudes e valores que tornem os professores sensíveis face aos preconceitos, aos estereótipos, às injustiças, ao racismo e à discriminação. (p.12)

A partir destes autores, concluímos que o professor tem um grande papel na promoção da interculturalidade na sala de aula e fora dela, e que deve estar em constante articulação com as mudanças que ocorrem à sua volta. Deve procurar manter as suas estratégias adequadas e atualizadas, evitando assim que os alunos sofram, e de forma a criar cidadãos globais, capazes de viver num mundo onde predomina um ambiente de respeito, interação e diálogo entre culturas.

Considerações finais

Chegando a esta fase do relatório, é um momento crucial para refletir sobre a caminhada feita até chegar ao dia de hoje. Todos os momentos passados durante este percurso contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, e nem sempre foi um caminho fácil, foram encontradas diversas limitações, barreiras e dificuldades que fazem também parte do todo.

Tendo em conta esta linha de reflexão, no que diz respeito à realização dos estágios pedagógicos, a linha é oscilante. A caminhada que se percorreu ao longo deste percurso foi, sem dúvida, repleta de desafios, mas também de momentos de grande crescimento tanto a nível profissional como pessoal. Cada etapa deste processo foi uma oportunidade de superação e de aprender, que fez com que os conhecimentos adquiridos com o apoio do par pedagógico e dos professores cooperantes, ao longo das aulas, fossem postos em prática e consolidados.

A verdade é que ao longo desta jornada, diversos obstáculos e barreiras foram encontrados e muitas dúvidas surgiram. No entanto, para ultrapassar estes constrangimentos, foi necessário muito esforço, dedicação e perseverança para hoje estarmos satisfeitas com o trabalho que foi realizado. Esta experiência proporcionou diversos momentos de reflexão sobre a nossa atuação em sala de aula, levando a observar profissionais com mais experiência e refletir sobre estratégias e ferramentas que devemos adotar para melhorar o processo de aprendizagem. Além do mais, com os estágios aprendemos, desde cedo, a lidar com a gestão de sala de aula. Logo de início, detetamos que seria necessário encontrar um equilíbrio entre autoridade e empatia para criar uma boa relação com os alunos e manter um ambiente de respeito entre professora e alunos.

De facto, todo o progresso realizado, todas as etapas ultrapassadas, contribuíram para um aumento da confiança e da capacidade de desempenhar esta profissão com qualidade, muito devido às ferramentas que foram mobilizadas ao longo do mestrado e outras que foram sendo adquiridas ao longo dos estágios.

No que concerne à nossa breve investigação, foi com um pouco de tristeza que salientamos a fraca adesão por parte de professores ao questionário, contudo, agradecemos aos que se dispuseram a preenchê-lo, de forma a ajudar a desenvolver este tema. Ademais, os dados fornecidos pelos professores demonstraram ser bastante

úteis para o nosso estudo, uma vez que as respostas dadas carregavam a informação necessária para a análise.

Ainda, em relação à investigação, no que toca aos alunos, a grande maioria demonstrou ainda um fraco conhecimento quanto ao termo, muito devido à tenra idade. Contudo, através das respostas dadas por alguns, acreditamos que existe uma base sólida para que num futuro consigam não só perceber o termo, como também serem cidadãos formados para viver num local onde sejam “promotores de interculturalidade”.

Em síntese, concluímos que a interculturalidade é abordada nas aulas de línguas, muitas vezes de forma natural, outras através de atividades específicas. Cabe ao professor encontrar formas e meios de explorar, devendo sempre pensar no bem-estar dos seus alunos.

Por fim, todo este percurso feito deixou marcas que serão levadas ao longo de todo o nosso percurso profissional. Todos os marcos contribuíram para a construção e desenvolvimento de uma profissional apta para iniciar as funções enquanto profissional de educação, visto que é o concretizar de um objetivo.

Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação. Um guia prático e crítico*. Edições ASA.
- Alarcão, I. et al. (1997). *A formação de professores no Portugal de hoje*. Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas
- Alarcão, I. (2003). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva* (2ª ed.). (p.42) Porto Editora.
- Bizarro, R., & Braga, F. (2004). *Educação intercultural, competência plurilingue e competência pluricultural: novos desafios para a formação de professores de Línguas Estrangeiras*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Campos, J. P. (1976). *Avaliação dos resultados pedagógicos*. Livros Horizonte
- Canedo, D. (2009). *Cultura é o quê? Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos*. In Anais do V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (pp. 1–14). Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.
- Cardoso, L. (2017). *Competências interculturais: O desafio da diversidade*. Edições Afrontamento.
- Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação*. Edições Asa.
- Cuche, D. (2002) *O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. EDUSC.
- Coutinho, C. & Lisbôa E. (2011). *Sociedade da Informação, do conhecimento e da aprendizagem: Desafios para a Educação no século XXI*. Revista da Educação. (Vol. 23, pp.5-22.)
<https://hdl.handle.net/1822/14854>
- Davidson, C. N. (2017). *The New Education: How to Revolutionize the University to Prepare Students for a World in Flux*. Basic Books.
- Delors, J. (1996). *Educação – Um tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI*. Edições ASA.

Direção-Geral da Educação/Ministério da Educação (DGE/ME). (2018). *Aprendizagens Essenciais – 5.º ano, 2.º Ciclo do Ensino Básico – Inglês*. Homologadas pelo Despacho n.º 6944-A/2018, de 19 de julho.

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/5_ingles.pdf

Direção-Geral da Educação/Ministério da Educação (DGE/ME). (2018). *Aprendizagens Essenciais – 5.º ano, 2.º Ciclo do Ensino Básico – Português*. Homologadas pelo Despacho n.º 6944-A/2018, de 19 de julho.
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/5_portugues.pdf

Estrela, A. (1994) *Teoria e Prática de Observação de Classes: Uma Estratégia de Formação de Professores*, 4.ª Ed. Porto Editora.

Estrela, M. T. (2001). *Formação de Professores: Novas exigências e desafios*. (pp.13-28). Revista Portuguesa de Educação.

Giddens, A. (1992). *As consequências da modernidade*. Celta Editora.

Gonçalves, F.R. (2006). *A auto-observação e análise da relação educativa. Justificação e prática*. N.º 18, Porto Editora, LDA.

Hall, S. (2003). *A questão Multicultural*. Em S. Hall, *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. (pp. 51-100) Editora UFMG.

Lopes, J. & Santos, H. (2015). *Eu, Professor, Pergunto*. (pp. 3-49). PACTOR

Lopes, J. & Santos, H. (2020). *50 Técnicas de Avaliação Formativa*. PACTOR.

Nóvoa, A. (1991). *O Passado e o Presente dos Professores*. (pp.9-32.) Porto Editora.

Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. (p. 45) Publicações Dom Quixote.

Oliveira Martins, G., Gomes, C. A. S., Brocardo, J. M. L., Pedroso, J. V., Carrillo, J. L. A., Silva, L. M. U., Alves da Encarnação, M. M. G., Horta, M. J. V. C., Calçada, M. T. C. S., Nery, R. F. V., & Rodrigues S. M. C. V. (DGE/ME). (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Homologado pelo Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho

https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

- Pacheco, J. A. (2001). *Currículo: Teoria e práxis*. (p. 123) Porto Editora.
- Pereira, A. (2004). *Educação Multicultural –Teorias e Práticas*. Editores ASA
- Peres, A. N. (2000). *Educação Intercultural: Utopia ou Realidade? (Processos de 88 pensamento dos professores face à diversidade cultural: integração de minorias migrantes na escola*. Profedições,
- Perotti, A. (1997). *Apologia do Intercultural*. Ministério da Educação
- Pinto, L. M. S. (2007). *Interculturalidade e educação: desafios e perspectivas*. Educa.
- Santos, B. de S. (2006). *A gramática do tempo: Para uma nova cultura política*. Edições Afrontamento.
- Segato, C. A. (2019). *O lugar da prática na formação inicial de professores*. In Instituto Península/ *Profissão Docente (Org.). O papel da Prática na Formação Inicial de Professores*, 1.ª Edição, (pp: 9-20) Ed. Moderna.
- Schön, D. A. (2009). *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Penso Editora.
- Politzer, R. (1959). *Developing Cultural Understanding Through Foreign Language Study. Report of the Fifth Annual Round Table Meeting on Linguistics and Language Teaching*. (pp. 99-105) University Press.
- Santos, E. (2004). *Estudo em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos: Comunicação e Cultura: Uma abordagem*. (pp.957-963) Faculdade de Letras do Porto.
- Sarmento, M. (2003). *Educação e Sociedade: Estudos em homenagem a Joaquim Bairrão Ruivo*. Edições Afrontamento.
- Trindade, M. B. (1998). *Lusofonia, interculturalidade e Cidadania*. Em M. B. Trindade, *Interculturalismo e Cidadania em Espaços Lusófonos*. (pp. 11-13) Publicações Europa-América.

UNESCO (2002). Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127162>

Zeichner, K. M. (1993). *Formar professores reflexivos*. Educa.

Websites consultados

http://bdjur.almedina.net/item.php?field=node_id&value=298955

Legislação consultada

Decreto Legislativo Regional n.º 23/2023/A
<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-legislativo-regional/23-214781730>

Declaração Universal da diversidade Cultural

<https://dcjri.ministeriopublico.pt//sites/default/files/decl-diversidadecultural.pdf>

(acedido a 04/05/2025, às 13h40 minutos)

Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto-
<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/240-2001-631837>

(acedido a 29/05/2025, às 17h21)

Decreto Legislativo Regional n.º 23/2023/A

<https://jo.azores.gov.pt/#/ato/9d427bf0-33a0-4883-9974-2617367e4792>

Portaria n.º 85/2023 de 29 de setembro de 2023

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/85-2023-222280796>

ANEXOS

Inquérito por questionário a Professores de Português e de Inglês

Este questionário é realizado no âmbito do curso de Mestrado em Ensino de Português e de Inglês do 2.º Ciclo do Ensino Básico da Universidade dos Açores e integra o trabalho de investigação do Relatório de Estágio centrado no tema “A interculturalidade: o papel do professor e estratégias a aplicar nas aulas de Português e de Inglês. O preenchimento deste questionário é fulcral para a formação em curso e contribuirá para o estudo do tema em questão.

Todos os dados fornecidos serão assegurando pelo anonimato, assim como todas as informações aqui prestadas, estando abrigados pelo direito ao sigilo. Mais informo que os dados analisados no estudo serão apenas utilizados para fins académicos.

Obrigada pela sua colaboração!

Carolina Marques Mendes

PARTE I

Sexo:

Feminino

Masculino

Idade:

Dos 23 aos 30 anos

Dos 31 aos 40 anos

Dos 41 aos 50 anos

Mais de 50 anos

Naturalidade: _____

Formação Académica : _____

Área da Formação Académica: _____

Docente na Escola:

Grupo

Disciplinar: _____ -

Anos de Serviço

Docente: _____

Parte II

1. Considera importante abordar a *interculturalidade* na sala de aula?

Sim

Não

1.1. Porquê?

2. Durante a sua formação, inicial e contínua, frequentou alguma formação específica sobre *interculturalidade*?

Sim

Não

2.1. Se respondeu “Sim”, descreva a formação.

3. Tem por hábito consultar as aprendizagens essenciais para orientar implementação do conceito da *interculturalidade* nas aulas?

Sim

Não

4. Que importância atribui à *interculturalidade* no ensino das línguas e de que modo o ensino de uma língua contribui para uma maior *interculturalidade*?

5. Que estratégias e recursos mais utiliza para incluir a interculturalidade nas planificações das aulas?

6. “As atividades colaborativas em sala de aula contribuem para um ambiente inclusivo e intercultural”.

Concordo Não concordo nem discordo Não concordo

7. “A utilização de metodologias ativas, como a realização de projeto ou debates, é uma forma de promover a interculturalidade na sala de aula.”

Concordo Não concordo nem discordo Não concordo

8. “Enquanto professor/a, devo promover a interculturalidade de forma a auxiliar os alunos a desenvolverem habilidades sociais.”

Concordo Não concordo nem discordo Não concordo

9. Na sua perspetiva, de que forma o papel do professor é importante para a promoção da *interculturalidade* no contexto de sala de aula?

Obrigada pela sua colaboração!

Guião do questionário feito aos alunos

Este questionário é realizado no âmbito do curso de Mestrado em Ensino de Português e de Inglês do 2.º Ciclo do Ensino Básico da Universidade dos Açores e integra o trabalho de investigação do Relatório de Estágio centrado no tema “A interculturalidade: o papel do professor e estratégias a aplicar nas aulas de Português e de Inglês. A participação neste questionário é muito importante e ajuda a estudar o tema em questão.

Os dados que forneceres são anónimos e são apenas para serem analisados.

Aceito participar ____

Não aceito participar ____

Sexo:

Feminino

Masculino

Idade:

10 anos

11 anos

12 anos

1. Achas que a tua escola é um espaço que integra diversas culturas?

Sim

Não

2. Consideras importante aprender mais sobre outras culturas na escola?

Sim

Não

2.1.Porquê?

3. Costumas conviver com pessoas de outras origens? Se sim, refere se este contacto se realiza dentro ou fora da escola.

4. Achas que a escola é um local onde as pessoas podem interagir com outras culturas?

Sim Não

5. A tua escola tem atividades que promovam o conhecimento de outras culturas? Se sim, descreve uma.

6. Conheces o termo *Interculturalidade*?

Sim Não

7. O que achas que a palavra *Interculturalidade* significa?

UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Rua da Mãe de Deus

9500-321 Ponta Delgada

Açores, Portugal